

# dmad

REVISTA DAS FILHAS DE MARIA AUXILIADORA

damihí animas

2011

Anno LVII Mensile

Poste italiane SpA  
Spedizione in Abbonamento Postale  
D.L. 353/2003  
(conv. In L. 27/02/2004 n° 46)  
Art. 1, comma 2 – DCB Roma

TESTEMUNHAS

DA ESCUTA



# dma

Revista das Filhas de Maria Auxiliadora  
Via Ateneo Salesiano, 81 - 00139 Roma

tel. 06/87.274.1 • fax 06/87.13.23.06  
E-mail: dmariv2@cgfma.org

Diretora responsável  
Mariagrazia Curti

Redação  
Giuseppina Teruggi  
Anna Rita Cristaino

#### Colaboradoras

Tonny Aldana • Julia Arciniegas • Mara Borsi • Piera Cavaglià • Maria Antonia Chinello • Anna Condò • Emilia Di Massimo • Dora Eylenein • Laura Gaeta • Bruna Grassini • Maria Pia Giudici  
Palma Lionetti • Anna Mariani • Adriana Nepi • Louise Passero • Maria Perentaler • Loli Ruiz Perez  
Paola Pignatelli • Lucia M. Roces • Maria Rossi • Bernadette Sangma • Martha Séide

#### Tradutoras

*francês* – Anne Marie Baud  
*japonês* - inspetoria japonesa  
*inglês* - Louise Passero  
*polonês* - Janina Stankiewicz  
*português* – Maria Aparecida Nunes  
*espanhol* - Amparo Contreras Alvarez  
*alemão* - inspetorias austríaca e alemã

#### EDIÇÃO EXTRACOMERCIAL

Istituto Internazionale Maria Ausiliatrice – Via Ateneo Salesiano 81, 00139 Roma – c.c.p. 47272000  
Reg. Trib. Di Roma n. 13125 de 16-1-1970 – sped. abb. post. – art. 2, comma 20/c, legge 662/96  
Filial de Roma – **n. 5/6 maio-junho de 2011** – Tip. Istituto Salesiano Pio XI – Via Umbertide 11  
00181 Roma

**Tradução para a Língua Portuguesa**

# SUMÁRIO

<b>EDITORIAL</b>	<b>Nova forma de comunicar</b>	<b>04</b>
<b>DOSSIÊ</b>	<b>Testemunhas da escuta</b>	<b>05</b>

## *Primeiro plano: Aprofundamentos bíblicos, educativos e formativos*

<b>PASSO A PASSO</b>	<b>Caminhar com segurança. Santa Teresa d'Ávila</b>	<b>09</b>
<b>RAÍZES DO FUTURO</b>	<b>A Madre</b>	<b>11</b>
<b>AMOR E JUSTIÇA</b>	<b>"... foi a mim que o fizestes"</b>	<b>12</b>
<b>FIO DE ARIADNE</b>	<b>Autoridade</b>	<b>14</b>

## *Em busca: Leitura evangélica dos fatos contemporâneos*

<b>CULTURAS</b>	<b>África novamente</b>	<b>18</b>
<b>PASTORAL</b>	<b>O que significa educar ao amor hoje</b>	<b>19</b>
<b>MULHERES NO CONTEXTO</b>	<b>Mulheres mediadoras de paz</b>	<b>21</b>
<b>NOSSA TERRA</b>	<b>Desmatamento, uma ameaça ao planeta</b>	<b>22</b>
<b>TESTEMUNHAS DIGITAIS</b>	<b>Tenho um povo numeroso naquela cidade...</b>	<b>23</b>

## *Comunicar: Informações, notícias, novidades do mundo da mídia*

<b>DE PESSOA PARA PESSOA</b>	<b>Clara e os Ciganos</b>	<b>25</b>
<b>VÍDEO</b>	<b>Miral</b>	<b>26</b>
<b>ESTANTE</b>	<b>Resenha de vídeos e livros</b>	<b>28</b>
<b>LIVRO</b>	<b>Sorvete à meia-noite</b>	<b>30</b>
<b>CARTA DE UMA AMIGA</b>	.....	<b>32</b>

**EDITORIAL**

## Nova forma de comunicar

*Giuseppina Teruggi*

Em 5 de junho celebra-se a 45ª Jornada Mundial das Comunicações Sociais com o tema: «Verdade, anúncio e autenticidade de vida na era digital». Do comentário de Bento XVI emerge a visão positiva acerca das possibilidades oferecidas pelas novas tecnologias para comunicar o Evangelho hoje. O Papa convida a utilizar as redes sociais e as considera “uma grande oportunidade” para os fieis, convidando os cristãos a «unir-se à rede de relações que a era digital tornou possível, com confiança e com consciente e responsável criatividade. Não simplesmente para satisfazer o desejo de marcar presença, mas porque esta rede é parte integrante da vida humana». Sugere, portanto, «testemunhar com coerência, no próprio perfil digital e no modo de se comunicar, escolhas, preferências, juízos que sejam profundamente coerentes com o Evangelho».

A mensagem ressalta com lucidez a compreensão das grandes mudanças culturais e sociais do nosso tempo, guiadas em grande parte pela «profunda transformação em curso no campo das comunicações». «As novas tecnologias estão mudando não só a forma de comunicar – afirma o Papa – mas a própria comunicação, pelo que se pode afirmar que estamos diante de uma vasta transformação cultural... Está nascendo uma nova forma de aprender e de pensar, com inéditas oportunidades para estabelecer relações e construir comunhão».

Os jovens, os “nativos”, imersos na nova cultura da comunicação, vivem em profundidade suas influências. Experimentam «as ansiedades, as contradições e a criatividade próprias daqueles que se abrem com entusiasmo e curiosidade às novas experiências de vida».

O Papa faz refletir sobre alguns desafios inerentes a uma mutação epocal que tende a comprometer o equilíbrio entre as relações mediadas pela tecnologia e as relações interpessoais, face a face. «Quem é o meu ‘próximo’ neste mundo novo? Existe o perigo de ser menos presente para aqueles que encontramos na vida cotidiana? Temos tempo para refletir criticamente sobre as nossas escolhas e para alimentar relações humanas que sejam verdadeiramente profundas e duradouras?».

Qual o lugar da dimensão “humana” na era digital? Bento XVI está nos comunicando que «é importante lembrar sempre que o contato virtual não pode e não deve substituir o contato humano direto com as pessoas, em todos os níveis da nossa vida» e que «continuam fundamentais as relações humanas diretas na transmissão da fé!».

*gteruggi@cgfma.org*

# Testemunhas da escuta

*Mara Borsi, Martha Sêide*

«São poucos os homens que têm alguma coisa a dizer e são menos ainda os que sabem escutar». Esta afirmação do teólogo francês Maurice Zundel, embora fora de moda, é de grande atualidade para nós hoje da era telemática e tecnocrônica.

São muitos, de fato, aqueles que vivem uma situação de extrema solidão condenados pelo barulho das nossas cidades ou pelo ativismo das instituições educativas. Na realidade, na era atual, todos falam e ninguém escuta, porque somos pressionados por milhares de mensagens que continuamente nos alcançam em cada setor da vida. O fluxo de informações proveniente da mídia é realmente ininterrupto.

### **A escuta da vida e o barulho midiático**

A mídia transforma o mundo numa contínua chuva de imagens, sons, palavras que, pela velocidade e quantidade das propostas, deixam poucos vestígios na memória. Isso gera dificuldade para prestar atenção à realidade e portanto pouca capacidade para escutar a vida.

Segundo o famoso escritor inglês Gitlin Todd, a mídia constitui uma espécie de torrente de imagens, sons ritmos e estímulos contínuos, um *habitat* multimídia "naturalizado" que envolve todos os nossos sentidos e ao qual não podemos escapar. Em uma sociedade que se acredita a mais independente de todos os tempos, passar o tempo com a mídia é o uso principal ao qual destinamos inconscientemente a nossa liberdade. Na verdade, a relativa facilidade com que se pode manipular uma notícia e a perda de certos pontos de referência, não favorecem uma avaliação objetiva da realidade e uma reação crítica saudável.

João Paulo II já ressaltava isso em 2005: «Os meios de comunicação social alcançaram tal importância que chegaram a ser para muitos a principal guia e inspiração para os comportamentos individuais, familiares e sociais» (*Rápido Desenvolvimento* 3). De fato, múltiplos momentos da existência humana se desenrolam através dos meios de comunicação, ou pelo menos com eles se devem confrontar. O que fazer? Como comportar-nos nesse confronto?

### **A necessidade de um decodificador**

Nesse contexto, que alguns qualificam como "*barulho midiático*", onde a pessoa se tornou, nas palavras de Picard, "um apêndice do rumor", a atenção à vida requer um "decodificador", isto é, instrumentos e critérios que ajudem a compreender as dinâmicas sociais, a interpretar e avaliar a realidade de modo objetivo, para fazer escolhas livres e responsáveis. Nesse sentido, o Papa Bento XVI na sua mensagem para a Jornada Mundial das Comunicações Sociais orienta para desenvolver a capacidade de usufruir dos benefícios potenciais derivados dos meios de comunicação e ao mesmo tempo sublinha a necessidade de vigiar sobre a sua utilização. Convida os operadores da comunicação social a serem promotores da verdade e da paz e a evitar as degenerações que se verificam quando a indústria da mídia se torna um fim em si mesma, voltada unicamente ao lucro, perdendo de vista o senso de responsabilidade no serviço ao bem comum. (cf n. 3). Reafirma, portanto, a importância da formação, para ajudar a utilizar os meios de comunicação de maneira inteligente e apropriada.

Trata-se agora de uma necessidade mais urgente do que nunca. Os educadores e as educadoras precisam antes de tudo adquirir as competências necessárias para desenvolver nas jovens gerações autonomia e capacidade para reconhecer as oportunidades e os riscos do mundo telemático, para distinguir pessoas e experiências, para fazer escolhas conscientes. Pois, educar, isto é, ensinar a viver e a crescer também no mundo virtual que já faz parte da nossa vida, é uma tarefa urgente.

Para desenvolver estas competências é indiscutível a contribuição das ciências humanas, e para aqueles que se identificam como cristãos, são indispensáveis critérios de juízo fundados na Palavra de Deus e na Tradição da Igreja. «Para os fieis e para as pessoas de boa vontade o grande desafio do nosso tempo é sustentar uma comunicação verdadeira e livre, que contribua para consolidar o progresso global do mundo» (*Rápido Desenvolvimento* n. 13). Para atuar este processo de discernimento, ocorre desenvolver a capacidade de silêncio em estreita relação com a escuta.

### **O silêncio condição da escuta**

Neste mundo violentado por um desencadeamento frenético de sons, coisas, palavras, informações, imagens emitidas com velocidade sempre maior, emerge a necessidade do silêncio para assegurar a escuta vigilante, aquela escuta capaz de discernir. O silêncio leva a perceber o poder da surpresa, torna capaz de estupor, de reflexão, requer atenção e, portanto, promove a escuta. Do impacto do silêncio sobre a comunicação nasce uma nova capacidade de escuta.

A busca do silêncio encoraja-nos a ir além do limite máximo dos nossos sentidos; o silêncio é a porta para novos mundos, e a atenção, o meio com o qual se pode tomar consciência deles. O silêncio, antes de ser possibilidade de reflexão é espaço para a escuta, capacidade de acolhida, receptividade sem preconceitos, disponibilidade livre da presunção de si.

O silêncio, assim entendido, pode comparar-se àquele terreno bom sobre o qual lemos no Evangelho (cf Lc 8, 8) capaz de receber a semente da Palavra. Mais ainda, o silêncio educa e fortalece à vigilância, à atenção dos mínimos detalhes da experiência, capazes de revelar – a um olhar penetrante – a novidade que se esconde até na monotonia e no cotidiano banalizado. Para um espírito religioso esta atitude tem um nome: contemplação. Capacidade de perceber o invisível (cf Hebreus 11, 27).

Em uma belíssima oração Etty Hillesum escreve: «Tudo acontece segundo um ritmo mais profundo... que nos deveria ensinar a escutar: é a coisa mais importante que se pode aprender nesta vida. O silêncio pode assim ser o caminho que conduz à profundidade. Eis porque as grandes mulheres e os grandes homens espirituais amaram e viveram o silêncio» (*Diário de Etty Hillesum*, Milão, Edições Adepti 1985).

Recentemente Enzo Bianchi em *Ogni cosa alla sua stagione*, comenta: «O silêncio ensina-nos a falar, ajuda-nos a discernir o peso das palavras, leva a interrogar-nos sobre o que dissemos ou sentimos: nenhum mutismo, mas aquele silêncio que restitui a cada palavra um significado, que impede aos sons de se tornarem rumores, que transforma o "ouvi dizer" em "escuta". Então, o silêncio como custódia do fogo que arde no nosso coração, custódia das motivações mais profundas, momento de saída do turbilhão: com o silêncio podemos descer do carrossel, parar de girar sem nunca ter em mãos a direção».

### **Escutar para gerenciar o tempo**

Outro pretexto que frequentemente usamos para justificar a nossa incapacidade de escuta é a falta de tempo. Não há tempo para parar, não se é mais senhor do tempo. Para escutar, precisa-se de tempo e nós temos muito que fazer, é necessário correr. Analisando o ritmo da nossa vida cotidiana, não é que nos falte tempo, na realidade, somos incapazes de parar e, sobretudo, nunca aprendemos a escutar profundamente. Além disso, assumindo conscientemente ou inconscientemente a lógica econômica, "*time is money*", temos a sensação de estar perdendo tempo quando paramos para uma escuta gratuita.

Costuma-se dizer com frequência que só quem é capaz de escutar a si mesmo é capaz de escutar os outros. Portanto, a nossa incapacidade de escutar os outros, de escutar a vida, provém em grande parte da incapacidade de entrar em nós mesmos para conhecer as nossas emoções, o nosso corpo, os nossos sentimentos, etc.

Aprender a escutar a nós mesmos poderia ser propriamente o primeiro passo para o gerenciamento do tempo. Aceitemos o convite do escritor Michel Quoist: «Se você para, é a fim de tomar consciência de si mesmo, reunir todas as suas forças, reordená-las e dirigi-las, com a finalidade de se empenhar inteiramente na própria vida. Aceitar parar, é aceitar olhar para si

mesmo, e aceitar olhar-se, já é comprometer-se, porque é fazer o espírito penetrar dentro de sua própria casa». É criar condições para servir a Deus e aos irmãos. Dietrich Bonhoeffer afirma isso de modo iluminante quando afirma: «O primeiro serviço que se deve ao próximo é escutá-lo. Como o amor de Deus começa com a escuta da sua Palavra, assim também o amor pelo irmão começa aprendendo a escutá-lo. Quem não sabe escutar o irmão, bem depressa não saberá mais escutar Deus. E, também diante de Deus, será sempre ele a tomar a palavra».

Para remediar esta situação, é necessário aprender a arte de escutar e empenhar-se a vivê-la no cotidiano.

### **Aprender a arte de escutar**

Partindo das nossas experiências cotidianas, podemos identificar uma pluralidade de condições e de situações de escuta. Algumas requerem competências específicas como por exemplo a escuta terapêutica, jurídica, etc. Mas aqui, quando falamos de escuta, referimo-nos à escuta em geral, ou seja, àquela atenção ao desenrolar da vida que nos rodeia, que para ser eficaz, deve tornar-se uma escuta ativa, empática. A escuta ativa é aberta e disponível não só ao outro e ao que ele diz, mas o é, em primeiro lugar, a si mesmo para uma tomada de consciência das próprias reações, dos limites do próprio ponto de vista e para aceitar o *não saber* e a dificuldade de *não entender*. A antropóloga Marianella Scavi, na sua obra *Arte de escutar e mundos possíveis*, propõe sete regras para expressar a arte de escutar. Parece-nos útil recordá-los para uma avaliação do nosso modo de escutar:

- Não ter pressa de chegar às conclusões. As conclusões são a parte mais efêmera da pesquisa.
- Aquilo que você vê depende do seu ponto de vista. Para chegar a ver o seu ponto de vista, você deve mudar de ponto de vista.
- Se quiser compreender aquilo que o outro está dizendo, você deve assumir como suas as razões dele e pedir-lhe para ajudá-lo a ver as coisas e os eventos na perspectiva dele.
- As emoções são instrumentos cognitivos fundamentais quando se sabe compreender a sua linguagem. Não informam você sobre o que vê, mas sobre como você vê. O seu código é relacional e analógico.
- Um bom escutador é um explorador de mundos possíveis. Os sinais mais importantes para ele são aqueles que se apresentam à consciência ao mesmo tempo como insignificantes e problemáticos, marginais e irritantes, porque incongruentes com as próprias certezas.
- Um bom escutador acolhe de boa vontade os paradoxos do pensamento e da comunicação interpessoal. Enfrenta as divergências como oportunidades para exercitar-se em um campo que o apaixona: a gestão criativa dos conflitos.
- Para se tornar especialista na arte de escutar, você deve adotar uma metodologia humorística. Mas quando aprender a escutar, o humorismo vem por si.

Tudo isso pode ajudar-nos a escutar o que não foi dito porquanto cada ato do dizer é uma momentânea integração entre o que foi dito e o que não foi dito. Seria interessante uma reflexão sobre estas regras para verificar, no cotidiano, aquelas que conseguimos experimentar com maior facilidade e aquelas que nos colocam mais dificuldades. A consciência é a primeira arma para qualquer mudança. É importante compreender o nosso modo de ouvir e de ser ouvidos, para um caminho de conversão à escuta que se faz testemunho.

### **A escuta, raiz da evangelização**

O jovem Salomão sucede a seu pai Davi como rei de Judá. Salomão é jovem e não há nenhum sinal que pressagie o seu futuro sucesso. Na noite precedente à sua viagem a Gabaon para oferecer um sacrifício, tem um sonho. O Senhor Ihe aparece e declara: «Peça! O que posso Ihe dar?». Uma oferta inesperada e por assim dizer simplesmente fabulosa, poderia pedir mil coisas: a vitória nas guerras, um reino sempre maior... mas Salomão pede «um coração que escuta».

Salomão deseja receber de Deus um coração capaz de escutar. Um pedido que Deus ouviu.

Os mestres do espírito são concordes ao sustentar que escutar Deus é uma tarefa difícil. Requer silêncio, pobreza interior, atenção, uma atitude de busca.

O caminho do fiel é sempre um novo início: «todas as manhãs o meu ouvido está atento», diz o Servo do Senhor (*Is 50,4*), e o orante lhe faz eco com o convite: «Escute hoje a sua voz» (*S/ 95,8*). A escuta precede a evangelização. Mas o que é a evangelização? É uma força que transforma o presente, reconfigura o presente e o empurra para o futuro, uma força mediante a qual o reino de Deus faz o seu caminho no mundo, em meio às angústias e às perseguições, levando vida, justiça, liberdade e paz. Evangelizar não é doutrinar, mas é testemunhar no Espírito, mediante a palavra e a ação. É o contrário da autosuficiência e do dobrar-se sobre si mesmo, da mentalidade do *status quo* e de uma concepção pastoral que acha suficiente continuar a fazer como sempre se fez.

## **Um desafio espiritual**

O primeiro passo para um caminho de fé é um ato de confiante abandono: há «Alguém» que me «aceita» e me dá a certeza de que não sou produto do acaso, nem uma brincadeira do destino. A certeza da existência de Alguém que está diante de mim, que eu posso invocar, para o qual posso gritar, e que escuta este apelo e este grito, mesmo quando ninguém me escuta, que posso agradecer pela minha existência e pela existência dos outros, que posso admirar, louvar e exaltar, dá sentido à vida, à convivência cotidiana. Esta relação pessoal com Deus alcança o seu ponto alto em Jesus.

Para Jesus a boa nova da libertação é para ser introduzida em uma comunhão pessoal. É esta reciprocidade com Deus, que nos liberta do medo de estar à mercê de um destino sem rosto e nos permite ficar seguros na vida e na morte. Talvez haja muito mais pessoas do que acreditamos que abertamente ou tacitamente nos interpelam e nos pedem: Ensine-nos a rezar (*Lc 11,1*). Hoje a nova evangelização tem o perfil, sobretudo, de uma escola de oração.

A verdadeira evangelização significa recomeçar a partir de Jesus Cristo, retornar à sua escola para aprender através dele a conhecer Deus e a humanidade.

A introdução à amizade com Jesus Cristo e a introdução à vida da comunidade, da Igreja, estão estreitamente ligadas. A renovação missionária da comunidade educativa é um imperativo do nosso tempo. No atual contexto, especialmente, ocorre ser cristãos, educadores dedicados em perspectiva global, ocorrem comunidades com dimensão eclesial universal.

A pergunta crítica que devemos fazer-nos é esta: estamos interessadas em transmitir a fé e a conquistar para a fé aqueles que ainda não têm o conhecimento de Deus? Nós nos preocupamos realmente com a missão? O mandato missionário fala de testemunhas plenas de Espírito Santo. A testemunha plena do Espírito de Deus não fala só com a boca mas com toda a sua vida, colocando em risco até a própria existência. Por isso, a nova evangelização é, sobretudo, uma tarefa e um desafio espiritual; é a tarefa de quem persegue a santidade. Palavra talvez retórica? Não certamente para Dom Bosco que a propôs como caminho de felicidade aos jovens do seu tempo. Ele soube mostrar que ser santo significa empenhar-se para realizar em plenitude a própria humanidade. O desafio consiste, portanto, em nos tornar humanamente santos, manifestando a boa nova do Evangelho com gestos e fatos concretos.

## **ENTREVISTA COM DUAS DIRETORAS JOVENS**

### **Como você vive o ministério da escuta?**

**P.L.** - Quando penso na escuta e em como posso vivê-la, gosto de pensá-la como um esmerado gesto de amor, um destilado de atenções pelo outro, sobretudo pelas irmãs da comunidade! Ao assumir a responsabilidade da animação comunitária, devo dizer que as irmãs me ajudam com simpatia e grande disponibilidade, pelo que posso considerar-me afortunada. Inicialmente, sentia as pernas tremerem quando pensava por exemplo no colóquio pessoal e naquilo que se diz em geral desse momento um tanto despovoado. Ao invés, a minha curta experiência está me



ensinando que este momento “formal” constrói-se dia por dia, encontro por encontro, sorriso por sorriso não tanto “no escritório da diretora”, mas nos corredores, quando o encontro não é programado e requer, imediatamente uma reação sua. É esta preparação que, depois, torna o colóquio uma experiência relacional significativa e não despovoadada, mas buscada, em que a diretora pode expressar com delicada fraternidade a sua tarefa de mediação e de clarificação das dinâmicas em curso em nível pessoal ou comunitário, do ponto de vista humano e espiritual.

Além disso, eu percebi que a escuta atenta, honesta e amável a cada irmã, não basta, ocorre que tal escuta se torne condição para colocar as irmãs da comunidade em comunicação entre si. É esta experiência que constrói a comunidade.

**C.F.** – Escutar, como também expressar o próprio parecer, não é fácil. Sobretudo quando quem se deve escutar tem muito mais anos de experiência de vida... Não se trata de escutar as palavras mas aquilo que elas escondem e, nem sempre, quem é escutado, está disposto a uma leitura mais profunda. A minha experiência de escuta é sobretudo uma experiência de silêncio: às vezes não entendo, às vezes não tenho nem mesmo as categorias para entender, às vezes as pessoas não querem ser entendidas: se me ateno às palavras a irmã me diz que não entendi, se faço uma pergunta para ir além, a reação é de fechamento. É difícil e, ousar dizer, frustrante... eu acho que o mistério da pessoa se revela na contradição.

### **Quais positivities e dificuldades você experimenta?**

**P.L.** – A escuta conhece suas alegrias e suas dificuldades, a partir do momento em que, como aspecto de uma comunicação mais ampla, caracteriza-se como um “trabalho” relacional, que serve para significar os relacionamentos recíprocos e para criar um clima emotivo em que cada uma se sente livre de “se dizer”. Naturalmente, para experimentar qualquer “positividade” é necessário que as irmãs sintam que podem confiar, que entre a palavra e o comportamento não existe muita distância, pelo que se cria uma atmosfera de prazer que torna agradável estar juntas e, sobretudo, torna mais suportável o peso das dificuldades que o trabalho sobre si mesma e as exigências da missão requerem.

**C.F.** – A diferença de idade é um aspecto positivo e uma riqueza; através da escuta, podemos nos aproximar e conhecer uma experiência profunda de doação incondicional da própria vida ao Senhor.

A diferença de idade torna-se também uma dificuldade. Às vezes percebo que precisamente em razão de tal diferença as minhas irmãs não se sentem compreendidas na sua vivência e eu realmente, sou sincera, às vezes não compreendo, percebo que não tenho as categorias para compreender! Neste caso procuro ficar tranquila e manifestar aproximação.

*mara@cgfma.org; mseide@yahoo.com*

---

## **PASSO A PASSO**

# **Caminhar com segurança. Santa Teresa d'Ávila**

**Marta Bergamasco\***

“Não me falta nem o amor, nem o desejo de fazer de tudo para que as almas das minhas irmãs progredam no serviço de Deus... Que o Senhor, como lhe tenho suplicado, digne-se colocar sua mão e dirigir todas as coisas para a sua maior glória”. Assim escreve Santa Teresa de Jesus no Prólogo do *Caminho de Perfeição*, livro no qual expõe o seu ensinamento espiritual às suas “filhas”

de ontem – que lhe pediram insistentemente – e de hoje. Deste escrito emerge toda a sua extraordinária capacidade pedagógica.

Teresa quer de todo coração acompanhar suas irmãs no caminho para a união com Deus e ajudá-las a ser “aquilo que devem ser” segundo a sua vocação, porque, da qualidade humana e espiritual da mulher que se entregou inteiramente ao Senhor depende também a eficácia da sua missão ao serviço do Reino. E o faz em uma contínua atitude de abertura ao diálogo, entrelaçando ensinamentos que obtém da sua experiência humana e mística e oferece reflexões e orações, incluindo a si mesma entre os destinatários da própria mensagem. A força da sua palavra brota da concretude de sua experiência e da oração que continuamente a modela. Teresa é verdadeira mestra porque é antes de tudo testemunha viva, é autêntica formadora porque mãe espiritual. Quer que sejam assim também as prioras das suas comunidades: devem favorecer a responsabilidade e a maturidade de todas as irmãs “com amor de mãe”, buscando “fazer-se amar para fazer-se obedecer”.

Com a sua “pedagogia rezada”, a santa acompanha suas filhas, pessoal e comunitariamente, no caminho da oração e da vida, insistindo continuamente, em primeiro lugar, sobre o crescimento das virtudes humanas, como a afabilidade e a magnanimidade, e depois sobre aquelas que ela considera essenciais para ser “fortes amigas de Deus”: o amor recíproco, o desapego de todas as criaturas e a humildade. Considera fundamental também uma “determinada determinação”, condição indispensável para um verdadeiro crescimento espiritual. As virtudes estão enraizadas no húmus místico da graça e do amor divino, mas têm absoluta necessidade de serem sustentadas pela vontade humana, fortemente determinada a começar o caminho e a não deixá-lo mais, custe o que custar. Aqui se enxerta a ascese teresiana, mas também e sobretudo a segurança de que o seu itinerário espiritual levará à plenitude da comunhão com Deus. Ele não pode falhar e Ele somente basta para quem empreende o caminho com esta absoluta certeza, numa doação plena de si mesmo, porque “Deus se dá inteiramente a quem se dá inteiramente a Ele”. No dom de si encarna-se o puro amor por Deus e pelos outros, amor que para crescer e se aprofundar precisa de dois valores indispensáveis, a “santa liberdade” e a “ciência”. Teresa obrigada às vezes ao silêncio das estruturas sociais e eclesiais do seu tempo, limitada pelas incompreensões ao seu espírito e à sua humanidade livre e capaz de vislumbrar horizontes que estão escondidos a outros, exige peremptoriamente para as suas irmãs uma “santa liberdade”, tanto pessoal como comunitária. É a liberdade na esfera da consciência, na direção espiritual, na formação, na expressão da própria identidade carismática. Pede com força a Deus não permitir que qualquer de suas filhas se sinta estrangida na alma e no corpo, porque isso impediria o crescimento do amor. Velar sobre a liberdade da própria comunidade é uma das tarefas mais fortes confiada àquelas que serão as responsáveis das comunidades teresianas.

Teresa insiste também sobre a importância de ler livros substanciosos que alimentem a oração, aprofundem a formação e iluminem a vida. Uma das suas recomendações mais apaixonantes é caminhar sempre na verdade, buscá-la sem trégua tanto em si mesma como na realidade em que vivemos. Pelo mesmo motivo convida suas irmãs a dialogar e a se confrontar com pessoas cultas, teólogos, biblistas, capazes de iluminar com os seus conhecimentos aqueles que querem seguir o caminho da verdade.

Um princípio constante na sua tarefa de educadora é “o caminho da verdade”. Esta mulher “andarilha” nos espaços do espírito, fez uma experiência mística de Deus como verdade, tão intensa, que a faz escrever: “Para conformar-nos em qualquer coisa ao nosso Esposo e Deus, ocorre que procuremos caminhar muito e sempre na verdade”. Tal caminho, que no fundo é o autêntico profetismo da vida consagrada, requer um discernimento constante, possível somente se se tem uma qualidade fundamental, o “bom senso”. Segundo Teresa é um requisito essencial para quem se apresenta como candidata para compartilhar o tipo de vida que ela queria em seus mosteiros. Afirma categoricamente que não se admita absolutamente uma jovem privada de bom senso, desta inteligência indispensável ao discernimento, porque para viver na verdade a vocação recebida, além da graça de Deus e junto com ela, é necessária uma adequada abertura mental, que permita realizar a viagem interior em direção à plenitude sem naufragar. Santa Teresa quer que suas irmãs tenham uma grande abertura de mente, de coração e de espírito. “Deus não é

mesquinho” como nós às vezes imaginamos, escreve. Assim, quanto mais nos aproximamos dele e nos abismamos na comunhão com ele, todo o nosso ser humano e espiritual, abre-se e se dilata. “Tenham desejos grandes – diz-nos ainda – e grandes também serão as suas obras”. Assim há de ser seguramente a vida.

*\* Monja Carmelita do Mosteiro dos Três Relógios, em Roma*

---

## **RAÍZES DO FUTURO**

# **A Madre**

***Piera Cavaglià***

Neste ano ocorre o 130º ano da morte de Maria Domingas Mazzarello. Desde o início do Instituto (1872) ela é chamada “Madre” pelas irmãs e pelas jovens.

Ao longo do caminho do Instituto das FMA, fundado por Dom Bosco com a colaboração ativa de Maria Domingas, é remetida, de geração em geração, a premente pergunta: “*Como era Madre Mazzarello?*”.

Os biógrafos empenham-se para delinear o seu percurso histórico, a sua espiritualidade, a sua obra. Os estudiosos, a partir das fontes documentárias, ajudam a penetrar em profundidade algum aspecto da sua figura e do seu estilo educativo.

As testemunhas no Processo de canonização – iniciado há cem anos, em 23 de junho de 1911 – deixam transparecer a fama de santidade que tivera esta Madre nos seus 44 anos de vida. São, sobretudo, suas 68 cartas que permitem encontrá-la a uma distância aproximada e quase ouvir as batidas do seu coração e o frescor das suas relações. Ela jamais teria imaginado que, além das destinatárias ou destinatários aos quais se dirigia com plena confiança, alguém depois de algum tempo fosse ler os seus escritos. É surpreendente antes de tudo a sua assinatura e o apelativo com que conclui quase todas as cartas às FMA: *Aff.ma Madre; Aff.ma em Jesus a Madre Ir. Maria Mazzarello, ou também: Aff.ma Madre a pobre Ir. Maria Mazzarello.*

Madre era o título familiar que a distinguia das outras superiores do Conselho geral, como observa Ir. Ana Maria Fernandez no seu bem documentado estudo sobre essas cartas. De sua parte, era a consciência de uma identidade à qual não podia renunciar, mesmo tendo dito e repetido que não se sentia capaz de ser a guia da comunidade e do Instituto em contínuo crescimento. Ela estava convencida que era irmã entre as irmãs, mas pelo seu papel de animação e de governo se autodefinia “*A Madre*”, “*a Madre que tanto as ama no Senhor*”.

Colhe-se desta expressão o significado de um apelativo: aquela que acompanha a vida, que cuida da vida, que a faz crescer, mas sempre na ótica de um amor que transcende a afeição humana embora tão intensa, o *amor do Senhor*.

Do seu ser e sentir-se Madre, derivam algumas atitudes que emergem na contraluz das expressões por ela usadas nas cartas e que esboçam os traços de um rosto inconfundível: compreensão e interesse atento pela situação concreta de cada pessoa, afeto profundo expresso de modo perceptível, animação confiante, exortação firme e decidida para trilhar os caminhos da santidade, alegria do encontro e da comunicação.

Nas cartas fala de si mesma com franca lucidez e se põe em relação com rapidez e vivacidade: ora arguta, ora animadora, ora pronta a discordar, a corrigir. Exigente e ao

mesmo tempo respeitosa, sempre otimista e cheia de esperança. Em cada pessoa descobre – diria Simone Weil – aquele “depósito de ouro puro” a ser valorizado e potencializado, e vê a sua vocação como um chamado a encontrar o jeito de colocá-lo em evidência e de fazê-lo crescer.

Pode-se dizer que a maternidade de Maria Domingas Mazzarello exprime-se com a característica do acompanhamento espiritual, pelas profundas ressonâncias educativas. No seu estilo de animação, ela não ordena, prefere exortar, encorajar, confortar, deixar perceber que compreende, intui pessoas e situações, e parte dali para guiar à meta. Na sua sabedoria prática, aponta uma Sabedoria mais alta que não passa através dos livros, línguas, títulos de estudo, mas através da humilde adesão ao mistério de Deus, que sozinho pode forjar sábios.

Ao se fazer sentir “companheira no caminho” não hesita em reconhecer os seus limites, em chamar por nome as suas próprias fragilidades e fraquezas fazendo-se assim ainda mais próxima. «*Ela foi uma companhia agradabilíssima*» lembrava o seu diretor espiritual, Padre João Battista Lemoyne. E Dom Tiago Costamagna, ao receber a notícia da morte de Ir. Maria Mazzarello em Nizza Monferrato no dia 14 de maio de 1881, escrevia da Argentina: «Eu tinha três Mães caríssimas: minha mãe lá em Caramanha que me dizia sempre: Lembre-se, Tiago, que eu sou sua Mãe apenas para cuidar de você, sua Mãe está no Céu. *Mas encontrei nesta terra outra Mãe para cuidar de mim, e esta foi a Madre Mazzarello! Ah, quanto me amava aquela alma do Senhor!...* Eu não posso me conformar com esta morte» (Carta de 4 de julho de 1881).

Eram muitos e muitas que falavam da profundidade do seu “cuidado” com cada pessoa. Uma missionária, que desde menina fora acolhida em Mornese, lembrava: «Só quem experimentou pode fazer uma ideia!... Parecia que eu fosse a única naquela casa para me fazer o bem!» (Maccono, *Santa II* 243).

Seu estilo afetuoso e, às vezes, firme e exigente revelava a ternura de Deus que ama suas criaturas e deseja que sejam sempre mais seus filhos e filhas.

Sem forçar pode-se aplicar também à Ir. Maria Mazzarello aquilo que escrevia Paulo aos Tessalonicenses: «Estivemos amorosamente no meio de vocês, como uma mãe que cuida dos próprios filhos. Assim, cheios de afeto, desejamos transmitir-lhes não só o Evangelho de Deus, mas a nossa própria vida porque vocês nos são muito queridos». (2 Ts 7,8).

*pcavaglia@cgfma.org*

---

## **AMOR E JUSTIÇA**

### **«...foi a mim que o fizestes»**

**Martha Sêide**

O segundo dos oito *Objetivos de Desenvolvimento do Milênio* refere-se ao empenho de garantir a todos uma instrução primária, ou seja, «Fazer de modo que todas as crianças completem o ciclo escolar primário». Lembrar isso é mais que dever, em um tempo onde o analfabetismo ainda é muito elevado. De fato, as instituições, empenhadas na tutela dos direitos humanos, afirmam que a educação é o único recurso verdadeiro para o desenvolvimento sustentável. Neste sentido, o analfabetismo é uma das maiores causas de tantas misérias no mundo. É vocação de cada cristão, descobrir estas misérias, no curso da história, porque sabe que nelas o rosto do Mestre divino se

revela. De fato, o próprio Jesus se identifica com os indigentes e os necessitados: *"Toda vez que fizestes estas coisas a um só desses meus irmãos mais pequeninos, foi a mim que o fizestes... Toda vez que não fizestes estas coisas a um desses meus irmãos mais pequeninos, não o fizestes a mim"*.

## **Os fatos falam**

Segundo os últimos relatórios da Organização das Nações Unidas para a educação e a cultura, no mundo há cerca de 900 milhões de analfabetos, dos quais 110 milhões são crianças, 60% meninas. Por ocasião da Jornada internacional da alfabetização 2010, o secretário geral da ONU, Ban Ki-moon, pede com veemência aos governos um maior empenho para erradicar esta chaga que gera pobreza e exclusão.

De fato, a negação do direito fundamental à educação, ou seja, o analfabetismo, tem consequências graves que podem ser até mesmo fatais para as pessoas. Sem instrução é difícil desenvolver um trabalho produtivo, cuidar da própria saúde, manter-se, proteger-se e proteger a própria família, beneficiar-se de uma vida culturalmente plena. O analfabetismo prejudica a capacidade de ter relações sociais marcadas pela compreensão, pela paz, pela tolerância, pela igualdade dos sexos, entre os povos e os grupos humanos. A educação constitui o fundamento da cidadania democrática e do progresso social e a sua negação danifica estas oportunidades vitais.

As experiências de tanta gente, adultos e crianças ilustram bem esta dramática situação. As histórias que seguem, são prova disso entre tantos exemplos:

*«Sou Christopher, tenho 10 anos, sou o mais velho de 4 irmãos. Desde o terremoto de 12 de janeiro, vivemos em uma tenda. Nunca fui à escola. Minha mãe não me mandou porque não tem dinheiro. Durante o dia, ajudo minha mãe nos serviços de casa. Eu adoraria ir para a escola como os outros meninos! Não sei quando chegará este dia para mim».*

*«Chamo-me Siliana, acho que tenho 48 anos, não sei nem ler nem escrever. Perdi minha mãe quando tinha 1 ano e meu pai com 2 anos de idade. Meu tio havia me acolhido em sua casa desde pequena. Ele me mantinha na casa para fazer os serviços domésticos enquanto seus filhos iam à escola. Com 18 anos, despediu-me com 10 moedas dizendo que eu podia ganhar a vida sozinha. Comecei a vender balas na rua. Ser vendedora ambulante é uma vida muito dura, exposta a muitas humilhações. Eu consegui ir em frente, com dificuldade. Certamente, se tivesse tido a sorte de frequentar a escola penso que a minha vida agora seria muito diferente. Com o meu trabalho pude fazer meu filho estudar, esperando que sua vida seja diferente».*

*«Chamo-me Kevin, agora tenho quase 9 anos, gosto de jogar bolinhas de gude, cartas, futebol, gosto de correr. Eu era pequeno quando meu pai morreu na guerra, gosto de ler, escrever e desenhar. Depois do segundo ano elementar, não fui mais para a escola mas, realmente, quero voltar».*

## **Às fontes do amor**

O maior dos mandamentos da lei é amar a Deus de todo o coração e ao próximo como a si mesmo (cf Mt 22, 37-40). Cristo apropriou-se deste preceito e o enriqueceu com um novo significado, ao se identificar com os irmãos, dizendo: «... foi a mim que o fizestes» ou «... foi a mim que não o fizestes» (Mt 25, 40-41). Ele, o Filho de Deus, que quis nascer, viver e sobretudo morrer em uma pobreza extrema, identifica-se com todos os pobres, com todos os mais pequeninos. A atenção aos últimos, aos pequenos é então momento essencial no caminho do crescimento cristão. A doutrina social da Igreja encoraja o empenho social e político em âmbito cultural com algumas orientações precisas. A primeira é a que procura garantir a cada ser humano o direito a uma cultura humana e civil em conformidade com a dignidade da pessoa. Tal direito implica o direito das famílias e das pessoas a uma escola livre e aberta (Cf *Compêndio DSC* 557).

## **Toca a mim... toca a nós...**

A palavra de Jesus e as orientações da Igreja nos interpelam e exigem que cada qual saia de si para interessar-se pelos irmãos que se encontram em dificuldade, de modo particular aqueles que estão privados do direito à cultura e à educação. Na raiz da pobreza de tantos povos existem também várias formas de privação cultural e falta de reconhecimento dos direitos culturais. *Como a nossa comunidade educativa torna-se atenta à situação cultural de crianças e jovens da nossa região?*

O empenho para educar e formar a pessoa sempre constituiu a primeira preocupação da ação social dos cristãos. *Como envolver os jovens e as crianças dos nossos centros educativos, a fim de que se abram a um maior empenho de solidariedade em favor dos coetâneos?*

Sustentar a escolarização, sobretudo para as mulheres, significa tornar cada pessoa protagonista do desenvolvimento dentro da própria família, com uma repercussão importante no destino do próprio País, um modo para salvar os próprios direitos e a própria existência. *Até que ponto estas palavras questionam as nossas consciências e nos encorajam a promover concretamente a escolarização de todos?*

---

## **FJO DE ARJADNE**

# **Autoridade**

***Giuseppina Teruggi***

Há palavras que se preferiria tirar do vocabulário. E pronunciar o menos possível. Uma delas, da qual facilmente se mantém distância, é "autoridade". Talvez porque ligada a experiências problemáticas, a referências negativas. Todavia, queira-se ou não, a sociedade humana não pode eximir-se da presença ou do confronto com uma "autoridade".

### **Autoridade e corresponsabilidade**

Outubro de 1880. Em St. Cyr na França, há uma comunidade que vive de modo problemático a troca inesperada da diretora tão amada, Caterina Daghero, eleita vigária geral do Instituto. As irmãs não aceitam a nova diretora. Madre Mazzarello percebe a situação, escuta, espera, e devolve Ir. Caterina para que as ajude a acalmar-se. Depois de um mês escreve uma carta (C. 49): "Eu vou precisar de um favor de vocês, é que liberem a minha vigária Ir. Caterina...".

Nenhum tom de reprovação, nenhum moralismo, mas um pedido convincente de colaboração numa situação crítica.

Madre Mazzarello poderia "exercer a sua autoridade" com uma solução rápida. Não o faz. Escolhe o caminho do diálogo, da razão, da amabilidade. Também da firmeza. Apresenta motivações de fé. Convida as irmãs a alargarem os horizontes e a levarem em conta as consequências do seu comportamento. Demonstra acreditar nas pessoas, na sua capacidade de realismo e de superação emocional. Faz refletir sobre o fato de que todas são responsáveis pela

vida da comunidade: cada uma pode contribuir para a comunhão, irmãs e jovens junto com a diretora.

A carta 49 exprime em termos claros como a Madre entende e vive o *serviço de autoridade*: um papel desempenhado na lógica evangélica do levar os pesos uns dos outros, do "lavar-se os pés" reciprocamente, da corresponsabilidade, do acompanhamento recíproco. Cada uma é chamada a encarregar-se da harmonia da vida em comum, na ótica de uma comunidade educativa: as jovens, em St. Cyr, viviam com as Irmãs.

### **Autoridade e maternidade**

A palavra latina "auctoritas" remete ao verbo do qual deriva: "augere", que significa "aumentar", "fecundar". A autoridade, então, é caracterizada pela fecundidade. Neste sentido refere-se às experiências básicas, à relação primordial com a mãe, primeira autoridade com a qual a criança se confronta.

É ela que tem a função de nutrir, orientar, ensinar, oferecer as aprendizagens fundamentais para enfrentar a vida.

É próprio da mãe acolher, prover o que for necessário ao crescimento dos filhos, dar e receber confiança, educar para a autonomia e, gradualmente, ao dom de si.

Nós sabemos quanta insegurança e medo a ausência da mãe ou do pai, sua negligência ou sua inoportuna ingerência, provocam na pessoa.

Na autoridade está inscrita uma função "maiêutica", segundo a acepção socrática bem conhecida na linguagem educativa. De fato, quem tem um papel de autoridade, assim como a parteira, privilegia o "puxar para fora" do outro, valores e pensamentos absolutamente pessoais, ao contrário de quem quer impor os próprios pontos de vista. É um papel que evidencia o desenvolvimento e o crescimento das capacidades da pessoa, privilegiando a reciprocidade e a relação. Se não for vivida assim, facilmente a autoridade pode tornar-se poder ou controle, preocupação prioritária para garantir o respeito pelas normas e pelas regras, de modo que tudo funcione segundo um plano predisposto.

É muito bonita, a propósito, a expressão bíblica do livro dos Juízes: «Havia cessado toda autoridade de governo, havia cessado em Israel, até que te levantaste, Débora, tu te levantaste como mãe de Israel» (Jz 5,7).

### **Fortalecer e esperar**

Não é óbvio expressar deste modo a autoridade, vivê-la como ajuda que permite desenvolver as qualidades de cada um para o bem de todos, sem cair no maternalismo ou paternalismo. Mas nem sequer no poder e no controle, com o pretexto de ser onipresentes e "ter tudo nas mãos" para um serviço melhor.

Talvez seja necessário recuperar a "força maiêutica" da autoridade, sua capacidade de dar expressão, vida e sustento à potencialidade das pessoas, a arte de esperar o tempo propício a cada um, respeitando sua autonomia.

É uma grande qualidade não se deixar levar pela pressa de intervir imediatamente. E saber colocar-se diante do outro com respeito, porque mistério insondável, irredutível a qualquer esquema ou projeto. A impaciência, gerada pela necessidade de ver mudanças rápidas na convivência comunitária e de cada uma das irmãs, opõe-se à lógica do progresso gradual, próprio da estrutura humana e do modo de agir de Deus.

Nada de passivo nisso, mas a atitude de confiança que sabe às vezes ser exigente. De fato, deixar o barco correr e calar diante de situações ambíguas para "evitar complicações", pode levar lentamente à confusão e à infidelidade do próprio serviço específico

Ser autoridade para outra pessoa significa também conhecer o seu caminho, ajudá-la a focalizar, a enfrentar os problemas que este caminho aponta. Em alguns momentos ocorre, porque a liberdade é frágil, dar indicações, sugerir pistas, para que o outro possa reconhecer aquilo que no momento não lhe está claro.

### **Crescer no relacionamento**

Um aspecto indiscutível da autoridade é a sua conotação relacional, interdependente. É difícil pensar em um uso saudável da autoridade sem levar em conta a realidade, as exigências, a singularidade das pessoas que lhe são confiadas e com as quais vive. Em 2008 saiu um documento da Congregação para os Institutos de vida consagrada e as Sociedades de vida apostólica, com o título "O serviço da autoridade e a obediência". Ele tem páginas belas e horizontes amplos. "A autoridade – lê-se no n. 20 – promove o crescimento da vida fraterna através do serviço, da escuta e do diálogo, da criação de um clima favorável à partilha e à corresponsabilidade, da participação de todos nas preocupações com todos, do serviço equilibrado a cada pessoa e à comunidade, do discernimento, da promoção da obediência fraterna".

Existe uma fecundidade intrínseca numa animação que se preocupa com a criação de um ambiente de confiança, no qual são reconhecidas as capacidades e as sensibilidades de cada pessoa, e que sustenta, com as palavras e com os fatos, "a convicção de que a fraternidade exige participação e portanto informação".

Sabemos que a harmonia das relações interpessoais é garantia para a capacidade de diálogo. Isso implica saber ouvir para entrar em relação autêntica com as pessoas, conhecer suas necessidades, suas expectativas, seus caminhos.

O tema da escuta é bem elaborado no documento e visto como uma das tarefas mais solicitadas para quem exerce a autoridade que "deveria estar sempre disponível, sobretudo àquelas pessoas que se sentem isoladas e necessitadas de atenção. De fato, escutar significa acolher incondicionalmente o outro, dar-lhe espaço no próprio coração.

Por isso a escuta transmite afeto e compreensão, diz que o outro é apreciado e que a sua presença e o seu parecer são levados em consideração.

Quem preside deve lembrar que quem não sabe escutar o irmão ou a irmã não sabe escutar tampouco Deus; que uma escuta atenta permite coordenar melhor as energias e os dons que o Espírito deu à comunidade e, também, ter presente, nas decisões, os limites e as dificuldades de algum dos membros. O tempo empregado na escuta nunca é tempo perdido, e a escuta muitas vezes pode prevenir crises e momentos difíceis" (n. 20).

## **Autoridade e autoridade afetuosa**

O escritor e político americano Benjamin Franklin (1700), distinguia três graus no ensino. O primeiro é o de toda "escola", que transmite a matéria para que os alunos aprendam, conforme o método da criação de frangos: quanto mais se dá o alimento, mais eles o absorvem. Na didática, o resultado natural muitas vezes é o esquecimento.

No segundo, a demonstração é motivada, nasce de uma convicção ou de uma experiência do próprio professor, afeta e convence o discípulo, que vai se lembrar da mensagem recebida.

Mas, existe um nível mais eficaz, o terceiro: o do testemunho. O docente não só demonstra mas revela que aquela verdade guiou sua escolha, ajudou-o no percurso da vida: então, suas palavras não só serão lembradas, mas se tornarão exemplo a ser imitado e envolverão plenamente o aluno.

Esta situação é válida em cada processo educativo. Sobretudo na animação e nos contatos cotidianos com as pessoas.

Mons. Gianfranco Ravasi, num artigo que apareceu no "Mattutino" – rubrica do jornal *Avvenire* – há alguns anos atrás, revelou estes três passos e fez deles, uma síntese: "Diga-me e eu me esqueço; mostre-me e eu me lembro, envolva-me e eu aprendo".

Este é um dos dons mais elevados e delicados que uma pessoa pode oferecer a uma outra. Toda autoridade é eficaz na medida em que se exprime com afeto.

Autoridade afetuosa é expressão de testemunho e de experiência coerente entre o que se diz e o que se faz, além de exprimir competência no campo específico do próprio serviço. Como escreveu Paulo VI: "O homem contemporâneo escuta com melhor boa vontade as testemunhas do que os mestres ou, se escuta os mestres assim o faz porque são testemunhas". (*Evangelii Nuntiandi*, IV, 41).

*gteruggi@cgfma.org*



---

## ANEXO DMA



*NÃO QUERO  
TER MEDO...  
DE ASPIRAR  
À SANTIDADE!*

**“Jovens de cada continente,  
não tenham medo de ser os santos  
do novo milênio!  
Sejam contemplativos e  
amantes da oração;  
coerentes com sua fé e generosos  
no serviço aos irmãos;  
membros ativos da Igreja  
e artífices da paz”.**

**(João Paulo II)**



*Senhor Jesus, não quero ter medo da minha juventude e daqueles profundos desejos de felicidade, de verdade, de beleza e de amor durável, que experimento!*

# África novamente

*Mara Borsi*

Entrevista com:

Ir. Elisabeth Gezahegn Asregdew (AES), Ir. Liliane Kaputo Matinko (AFC) e Ir. Marie Thérèse Kamanayo (RMG).

### Para você, qual foi a experiência pastoral mais significativa?

**Ir. Elisabeth** – A experiência pastoral mais significativa para mim é o oratório: lugar privilegiado no qual se assimila, vive-se e se partilha o estilo salesiano e onde se transmitem os valores evangélicos, tanto na comunidade educativa como entre os jovens que freqüentam a obra FMA. Alguns momentos marcaram fortemente a minha experiência pastoral: as festas de Dom Bosco, de Maria Auxiliadora, de Maria Mazzarello e outras festas salesianas, o percurso de preparação para a Páscoa. Para mim e para a minha gente são momentos de evangelização, de experiência do amor de Deus por nós. Sempre me senti tocada pela participação das crianças, dos jovens, dos adultos e dos anciãos às propostas formativas da comunidade; isso suscitou em mim um sentimento de admiração e a consciência de que pertencemos a uma realidade mais ampla e que somos parte de uma grande família que é a Igreja.

**Ir. Marie Thérèse** – Eu tive poucas oportunidades de estar ou de trabalhar com os jovens, mas as experiências que mais tocaram a minha vida foram as vividas no oratório de Sakania e na casa família Laura Vicuña, que acolhia meninas abandonadas e em risco. Em Moçambique pude trabalhar com adolescentes em risco. Experiências muito diferentes, mas que me ajudaram a compreender os desafios e as dificuldades no crescimento das novas gerações.

**Ir. Liliane** – Desde a juventude eu tive a possibilidade de viver experiências pastorais muito intensas. Como FMA minha experiência mais bela foi a de realizar com os jovens iniciativas de formação. Eu e o grupo dos animadores partimos do nada ou quase nada e alcançamos realizações significativas alargando sempre mais o círculo e envolvendo outros jovens. Experimentei a criatividade, a solidariedade, o desejo dos jovens, com os quais trabalhei, de ir ao encontro dos menos favorecidos, com poucos recursos. Foram realizados eventos em diversas zonas da diocese para ajudar os jovens das aldeias que, por causa das distâncias e da pobreza, têm menor possibilidade de participar dos encontros formativos, de oração, de reflexão .

### Quais desafios, necessidades, expectativas você teve de enfrentar na missão entre os jovens?

**Ir. Elisabeth** – Os desafios, as necessidades e as expectativas dos jovens na missão da Etiópia colocam-se em um contexto sociopolítico e cultural muito complexo, caracterizado pela pobreza. O sistema educativo e o sistema político e econômico tendem a aumentar a diferença entre os ricos e pobres.

Em tal situação muitos jovens não têm possibilidade de instrução, educação e formação e conseqüentemente a qualidade de vida fica comprometida nos seus aspectos mais profundos.

Os nossos jovens para emancipar-se emigram do País e vão para o exterior em busca de uma vida melhor, outros permanecem e trabalham no cultivo das flores, que até hoje é a realidade mais rentável no mercado interno e externo, trabalham porém em condições difíceis e desumanas.

Um desafio com o qual as FMA se confrontam com sempre maior frequência é o crescente número de seitas religiosas. Os mais jovens são indecisos, vulneráveis e migram às vezes de uma seita para a outra.

**Ir. Marie Thérèse** – Na minha breve experiência pastoral, constatei que os jovens querem viver uma vida plena, por isso procuram adultos que sejam capazes de orientá-los nas escolhas de qualidade, de compromisso e de valores para uma vida melhor.

Eles esperam de nós adultos um sincero incentivo. Pude também captar nos jovens o desejo de conhecer a Deus.

**Ir. Liliane** – As necessidades com as quais nos confrontamos na pastoral juvenil, são muitas. Os jovens têm sede de cultura, de descobrir o rosto de Deus.

Um dos desafios mais fortes é exatamente a presença educativa entre os jovens e na Igreja local, que sente a necessidade da contribuição das FMA, consideradas especialistas no campo da educação e da pastoral.

### **Que sinais de esperança você vilumbra na realidade juvenil do seu contexto?**

**Ir. Elisabeth** – Para mim a única esperança é a educação entendida como promoção daquele potencial que é próprio da pessoa humana e de todos os seus recursos de modo integral e global. Toquei com as mãos que as/os ex-alunas/os, ou seja, aqueles que se formaram nas escolas FMA são sinais de esperança tanto na Igreja como na sociedade civil. A experiência convenceu-me de que a educação é o caminho certo para o futuro da minha Nação. O outro sinal de esperança são os próprios jovens. Encontrei jovens que amam a vida e estão dispostos a fazer qualquer coisa para vivê-la bem e melhorar as condições da existência para si mesmos e para a comunidade.

**Ir. Marie Thérèse** – Acredito que os jovens sejam um pouco iguais em todos os Países e sempre e em todo lugar nos enviam mensagens de esperança, de alegria, de solidariedade, de justiça, de desejo de uma vida digna. Toca a nós adultos ficar ao lado deles para orientá-los a Cristo. Os jovens precisam ver Jesus em nós...

**Ir. Liliane** – O maior sinal de esperança são os próprios jovens com o seu modo de ser caracterizado pela fé, vivacidade e generosidade. Os jovens avançam não obstante tudo. Com criatividade encontram o modo de superar a falta de adultos que lhes indiquem o caminho. Isso desafia as FMA a serem boas guias porque o perigo de abandonar a juventude nas mãos de outros "pastores" é forte. As seitas são muito ágeis e aguerridas e procuram dissuadir os jovens da vida cristã. Outros sinais de esperança são a liberdade de propor o Sistema preventivo não só nas nossas obras mas no trabalho pastoral da Igreja local e na Nação.

---

## **PASTORAL**

# **O que significa educar ao amor hoje**

**Palma Lionetti**

### **O valor e a beleza da corporeidade. O respeito pelo outro.**

"Ordenar a um jovem para amar? ... Ele ama como respira, como sonha" escrevia Dom Mazzolari num texto seu de 1943... De fato, os jovens, hoje, como ontem, são protagonistas do amor e da caridade. Falando de educação ao amor poderíamos, talvez, citar tantos autores contemporâneos, mas o evento da beatificação de João Paulo II nos oferece a possibilidade de trazer à nossa memória educativa as observações sobre este tema feitas pelo jovem arcebispo de Cracovia, em "*Amor e responsabilidade*" editado pela primeira vez em 1960 e logo traduzido em várias línguas dentro de poucos anos.

Nesse texto ele escreveu páginas muito belas, partindo de alguns questionamentos importantes: «O que significa a expressão “educação do amor?” Pode-se “cultivar o amor?” Não é uma coisa já feita, dada ao homem, ou mais exatamente, a duas pessoas, se assim podemos dizer?». E respondia: «O amor não é uma coisa pronta e simplesmente “oferecida” à mulher e ao homem: deve ser elaborado. Eis, como é preciso vê-lo: em certa medida, o amor nunca “é”, mas “torna-se” aos poucos aquilo que traduz a contribuição de cada uma das pessoas e a profundidade do seu compromisso». O empenho pessoal na educação do amor é indispensável. E todavia não basta.

Grande “amigo do homem” e igualmente grande e “perito pastor de almas” nessa obra ele faz uma interessantíssima análise do amor e de todas as suas formas, assim passa da atração - *amor concupiscentiae*, à benevolência - *amor benevolentiae*, com uma fineza de trato espetacular. «O amor é a realização mais completa das possibilidades do homem. É a atualização máxima da potencialidade intrínseca à pessoa [...] É evidente que para ser assim, é preciso que o amor seja autêntico [...] o amor de uma pessoa por outra deve ser benevolente para ser verdadeiro, caso contrário não será amor, mas somente egoísmo [...] Chegamos assim ao problema da relação entre o “eu” e o “nós”. É a reciprocidade que decide, no amor, o nascimento do “nós”. Ela prova que o amor amadureceu, tornou-se algo *entre* as pessoas, criou uma comunidade, e é assim que a sua natureza se realiza plenamente. A reciprocidade carrega uma síntese, se assim se pode dizer, do amor de concupiscência e o amor benevolente [...]

A história de cada um de nós é, no fundo, movida pela própria necessidade e pelo próprio poder de amar e de ser amado. No concreto, porém, encontramos-nos diante de uma necessidade de amar e de ser amado às vezes mais ou menos ferido, desprezado, desacreditado, ignorado, negado, motivo pelo qual estas feridas podem gerar modos de fazer e de ser destorcidos, assumidos para sobreviver.

Então, como educar ao amor? Como percorrer e ajudar a percorrer estradas de amadurecimento afetivo? Como expressar e ajudar a expressar o próprio amor de modo bom ao outro?

Expressar ao outro o próprio amor requer também muito respeito. A linguagem usada precisa ser boa e reconhecida por ambas as partes. Na linguagem do corpo há gestos que são como uma pré-decisão. Expressar o próprio amor, encontrar uma linguagem que faça compreender ao outro que eu o amo comporta que o meu gesto e a minha palavra sejam autênticos e que estejam em harmonia com o meu estado de vida. Em base à minha escolha de vida o registro das expressões não pode ser o mesmo. As ambigüidades nunca são construtivas. Naturalmente, isso requer certa capacidade de «compreensão empática». Isso pressupõe que se saiba sair dos próprios princípios, das próprias maneiras de fazer, não para desposar as de outras pessoas, mas para sintonizar-se à semelhança de um diapasão. Isso exige estar em constante caminho de crescimento para compreender que no amor sempre existe uma possibilidade, que “a grande força moral do amor verdadeiro consiste no desejo de felicidade, de verdadeiro bem para a outra pessoa” como disse Martin Buber «O amor é a responsabilidade de um eu por um tu». É levar a sério o destino do outro respeitando nele os ritmos, as dobras, o mistério. Reconhecendo no outro até mesmo o direito de errar, fazendo porém do respeito não uma elegante indiferença, mas aquela atmosfera na qual o outro pode respirar e sentir-se livre para ser ele mesmo na melhor versão. Um respeito feito de atenções e de silêncio, de discrição e de presença, de iniciativa e de espera... porquanto, amar é querer que o outro seja ele mesmo!

*palmalionetti@gmail.com*

## **MULHERES NO CONTEXTO**

# **Mulheres mediadoras de paz**

***Paola Pignatelli, Bernadette Sangma***

Uma das grandes metas alcançadas em parte pelo movimento feminino das mulheres nos últimos anos é a Resolução 1325 do Conselho de Segurança – 2000 sobre Mulher, Paz e Segurança. Trata-se do primeiríssimo documento mundial que reconhece a contribuição das mulheres no âmbito da construção e mediação da paz e da prevenção do conflito. O texto da Resolução foi traduzido em quase 100 línguas diferentes e pode ser encontrado no site [www.peacewomen.org](http://www.peacewomen.org). Certamente, a passagem das palavras aos fatos deixa a desejar. Em 2010, a UNIFEM afirma que as mulheres constituem menos de 10% nas negociações e menos de 3% dos signatários dos acordos de paz. A ONU nunca nomeou uma mulher como principal mediador da paz! No entanto, afirma-se que uma das razões que levaram à falência mais de 50% dos acordos de paz foi exatamente a falta das mulheres às mesas da paz.

Enquanto os mecanismos de decisão se esforçam para reconhecer o envolvimento eficaz das mulheres na mediação da paz, a contribuição positiva das mulheres na resolução dos conflitos e na reconstrução pós-conflito torna-se, de fato, sempre mais visível e significativa hoje.

“Porque existo”: é o nome de uma fundação, criada para dar nova vida aos órfãos do genocídio acontecido em Rwanda, em 1994. A autora de tal iniciativa é **Marie Claudine Mukamabano**, cantora e bailarina, ela própria supérstite do genocídio. Testemunha ocular de crimes horríveis, com apenas 15 anos, Marie Claudine relata aquilo que nela gerou a escolha irrevogável pela vida: “enquanto eu via matar as crianças diante de mim, decidi que, se conseguisse sobreviver à tragédia, iria ajudar os órfãos. Daria o melhor de mim mesma para ajudar os sobreviventes”.

Depois de haver perdido os pais, as irmãs, os primos, as tias, os tios, os avós e outros entes queridos, amigos e companheiros, Marie Claudine agarrou-se à sua fé para procurar responder à sua pergunta: “Por que existo?”. Durante o décimo quinto aniversário do genocídio, em 7 de abril de 2009, Marie Claudine cantou no evento comemorativo promovido pelas Nações Unidas, na presença do Secretário Geral Ban Ki Moon.

No mês de setembro do mesmo ano, decidiu fundar a Convenção da Paz, em Rwanda, a primeira do gênero na história Rwandense. Diz: “Encontrei espaço no meu coração para perdoar todos aqueles que cometeram crimes contra mim e peço aos meus concidadãos para perdoar-se mutuamente a fim de que possamos experimentar a verdadeira paz em nossas vidas”.

No mês de maio de 2010, Marie Claudine recebeu o Prêmio “Embaixadora pela Paz”, das Nações Unidas.

Como Marie Claudine também Flora Brovina, Presidente do Movimento das Mulheres, em Kosovo, experimentou as trágicas consequências do ódio e da violência. Também ela demonstrase uma mulher de grande envergadura, capaz de ir além de suas experiências pessoais de violência, para mediar a paz. Suas considerações partem do seu ser mulher. Diz: «Em tudo devemos primeiro demonstrar que somos mães, mulheres e irmãs. Devemos enfrentar e vencer as causas das mágoas e dos sofrimentos com a potência da razão insistente. Quando nos encontrarmos diante de atos de intimidação, paremos para perguntar-nos: como nos sentiríamos se estivéssemos no lugar da vítima?

[...] As mulheres conseguiram construir pontes em todas as partes do mundo. Nós também devemos e podemos construí-las. [...] Se conseguirmos nos libertar dos problemas políticos e focalizar os acontecimentos da vida cotidiana compartilharemos a mesma linguagem e os mesmos interesses. [...] Devemos tomar conhecimento de que a violência na Ex-Yugoslavia atingiu mais as mulheres. Somos responsáveis de nós mesmas, dos nossos filhos e também daquelas pessoas que ameaçam a nossa segurança. Por isso não devemos e não podemos colocar-nos à parte nos processos que são vitais para o nosso futuro.».

Da América Latina também nos chegam vozes com profunda intensidade como a de **Norma Berti**, escritora e protagonista do livro da vida na Argentina "*As mulheres em tempos de escuridão*". Depois do golpe de 24 de março de 1976 os militares argentinos assumiram um "Modus operandi" esquadrista, alegando agir em uma guerra não declarada, decidindo esquecer a obrigação de serem defensores da lei, colocando as forças armadas do estado totalmente ao serviço de uma repressão conduzida por métodos completamente ilegais.

Os Campos Clandestinos engoliram milhares de pessoas entre as quais se contavam figuras da sociedade como padres, menores, mulheres grávidas, intelectuais, etc., sem perturbar a consciência do País, que não estava preparado para penas indiscriminadas de morte.

Naqueles anos, na sociedade civil, as mulheres desafiarão os militares, procurando conhecer a sorte dos seus filhos desaparecidos. Seus giros silenciosos e pacíficos em torno da Praça de Mayo, seus lenços brancos, seus cartazes que constantemente denunciavam os nomes dos repressores, sua graduação, a arma de pertença, a localização dos centros de detenção clandestinos, ou seja, o que servia para tornar manifesta a verdade que o regime procurava esconder e negar, por muitos anos serão a única oposição visível ao regime. Sua obsessão pela busca da verdade foi durante anos a única nota discordante e estridente que vazava de uma sociedade acorrentada, temerosa e submissa a um terror imposto de cima. Mas aquelas mulheres fizeram mais: com a volta da democracia quando era evidente a impossibilidade do reaparecimento dos próprios filhos não se detiveram e transformaram sua luta pelo reaparecimento dos filhos em uma luta civil pela verdade e a justiça. Justiça que, depois de um caminho longo de 30 anos de luta, conseguiram obter porquanto neste momento a Argentina é o único país onde se consegue processar o genocida».

Marie Claudine, Flora Brovina, Norma Berti e tantas outras... demonstram a coragem, a força e a garra das mulheres tecendo tramas de relações e fazendo a convivência humana ressurgir também a partir das cinzas!

*paolapignatelli@hotmail.com*  
*b.sangma@cgfma.org*

---

## ***NOSSA TERRA***

# **Desmatamento, uma ameaça ao planeta**

***Anna Rita Cristaino***

O desmatamento está ameaçando a subsistência de mais de um bilhão e meio de pessoas que tiram sustento para viver diretamente das árvores e do ambiente natural: é a advertência lançada pelas Nações Unidas para 2011 "ano internacional das florestas", uma iniciativa que tem em mira proteger os pulmões verdes do mundo – mais de 31% da superfície do planeta, cerca de 4 bilhões de hectares – e os seus habitantes.

Segundo a ONU, de 1,6 bilhões de pessoas que dependem diretamente das florestas, cerca de 60 milhões pertencem a comunidades autóctones e locais, sem recursos econômicos. Sempre segundo os dados da ONU, cerca de 13 milhões de hectares de bosques são abatidos anualmente por causa do desenvolvimento urbanístico ou por exigências agrícolas.

O Ano internacional das florestas quer aumentar a consciência e promover uma ação global para a gestão, conservação e desenvolvimento sustentável de todos os tipos de florestas.

O desmatamento não é nada mais do que a redução das áreas verdes naturais da Terra. Este é um dos principais problemas ambientais do mundo contemporâneo.

A presença das florestas tem um papel de grande importância na manutenção dos equilíbrios do ecossistema.

Através do processo da fotossíntese as plantas subtraem o anidrido carbônico do ar (efeito estufa) deixando no seu lugar o oxigênio. As florestas ajudam a filtrar e reter as águas reduzindo os riscos hidrogeológicos da região de destruir o habitat para milhares de espécies animais e vegetais (biodiversidade), a aumentar a umidade do clima, a frear a erosão do solo etc. O desmatamento é o resultado de uma ação irracional do homem.

Quando o corte das árvores excede sua taxa de rebroto, então a população de árvores se reduz (desmatamento).

Com o passar do tempo reduzir-se-ão também os impactos positivos produzidos pelas plantas no ecossistema inteiro.

Nas florestas tropicais, por exemplo, vive a metade de todas as espécies animais existentes na terra. Este verdadeiro escritório da biodiversidade é também o "pulmão verde" do nosso planeta, que desempenha um papel decisivo nos equilíbrios climáticos globais.

Mas, sobre um total de 2 bilhões de hectares de florestas tropicais, anualmente perdem-se entre 11 e 15 milhões de hectares.

Vale dizer que a cada três segundos desaparece o equivalente a um campo de futebol!

***A terra está doente e está fazendo de tudo para nos comunicar isso. Se continuarmos a ignorar os sinais, o organismo-Terra será obrigado a reagir e os primeiros a perderem seremos nós mesmos.***

arcristaino@cgfma.org

---

## **TESTEMUNHAS DIGITAIS**

Que tipo de anúncio no tempo da conexão?

# **Tenho um povo numeroso naquela cidade...**

***Maria Antônia Chinello***

O questionamento é o de sempre: «Dessa galáxia de imagens e sons [internet, ndr.], emergirá o rosto de Cristo? Ouvir-se-á a sua voz?». Bento XVI, na Mensagem para a 45ª Jornada Mundial para as Comunicações sociais (5 de junho de 2011), leva os fieis ao cerne da questão acerca da missão da Igreja no mundo contemporâneo: *Verdade, anúncio e autenticidade de vida na era digital*. Ainda uma vez, o olhar e o pensamento têm os tons e as nuances da abertura ao "novo", mesmo se com uma ótica mais ampla: o empenho por um testemunho do Evangelho no continente digital. Há lugar para todos, ninguém excluído.

Sabemos que a Rede «é parte integrante da vida humana». Porém, ao mesmo tempo, somos conscientes de que o tempo atual necessita de uma «premente e séria reflexão sobre o sentido da comunicação»; de que é urgente um «estilo cristão de presença também no mundo digital»; de que há necessidade de cristãos adultos e jovens convictos da sua fé, peritos na vida segundo o Espírito, prontos a dar as razões da sua esperança, testemunhas do amor sem limites de Deus, para que a Boa Nova alcance e desperte o numeroso "povo" da Web.

É tempo de renovar a missão, de anunciar e testemunhar a Boa Nova. Assim como nos inícios as testemunhas do Evangelho não recuaram diante das novidades e adversidades, assim também nós, discípulos do novo milênio, não deveremos recuar nem ter medo. A advertência de São Paulo ainda ressoa: «Ai de mim se eu não anunciar o Evangelho!».



O desafio é então o de tornar Deus vivo e atual nos múltiplos e variados canais, nas formas comunicativas a que nos chamam as novas mídias, nos ambientes e espaços construídos pelas tecnologias digitais, sem perder o patrimônio de sabedoria religiosa do passado.

É uma "história nova" caracterizada por uma transformação premente e irreprimível. No cenário atual muda também a ideia de "universalidade" e se estende o conceito de "catolicidade". No mundo digital todos nós já estamos conectados com todos (ao menos virtualmente). O problema não é tanto alcançar as pessoas para as quais anunciar o Evangelho, quanto interceptar os pensamentos, as palavras, as emoções, compreender as representações e os imaginários, em um contexto de "excesso de comunicação", onde é difundida a con-fusão.

Lá onde os homens e as mulheres se encontram e se interrogam, às vezes sem esperança, ali deve estar a presença dos cristãos. Como foi para Paulo o Areópago de Atenas, a web é a praça para interagir, para confrontar-se. Porquanto a necessidade de Deus que agita o coração humano de todos os tempos e latitudes, é a de encontrar um "Tu" que escute e responda.

A verdade do Evangelho, o anúncio da Boa Nova e a autenticidade do testemunho nascem do encontro com um *Tu* que sempre nos alcança, toca a nossa vida e lhe dá sentido, tornando-a uma aventura impensável no dom dado e recebido. É nos fios interconectados e nos espaços mutantes das *redes sociais* que "o meu próximo", sobretudo o "digital nato", nômade e navegador, é escutado, aceito nas suas formas de se comunicar, às vezes incompreensíveis pela expressão e significado que revestem. A tendência à *googlezação* não pode deixar-nos indiferentes. Sempre com maior frequência, quando se necessita de uma informação interroga-se a Rede para se obter a resposta a partir de um movimento de busca. As respostas da Internet, porém, são um aglomerado de *links* que reenviam para testes, imagens, vídeos. O homem da Rede sai em busca de Deus ativando uma navegação. Quais as conseqüências? Talvez a ilusão de que o sagrado ou o religioso estejam ao alcance do *mouse*, à disposição no momento em que tivermos necessidade deles.

O cristão hoje, com uma metáfora utilizada por Antônio Spadaro, deve ser um *decoder*, isto é, um decodificador capaz de decifrar as perguntas, obter o sentido da mensagem, reconhecê-la baseando-se em respostas múltiplas que continuamente são oferecidas. Ser testemunha digital é «dar a razão da esperança» num contexto em que as razões rapidamente se confrontam.

Uma atitude fundamental é a do discernimento, porquanto a resposta é o lugar de emergência da demanda. O Evangelho não é uma informação entre outras, mas a chave, uma mensagem de natureza totalmente diferente das muitas informações que vão nos submergindo dia por dia.

Perceber o mudo clamor para encontrar um "tu" (e também o Tu) que tenha aberto o contato, que revele e dê plenitude à humanidade e à alteridade, abra o caminho para se fazer companheiro de viagem; reconhecer as vozes e a Voz, ser "epifania" do amor, concordando ao mesmo tempo em "ficar" do lado de Deus e do seu povo. Dentro e fora do continente digital.

*mac@cgfma.org*

**«... Somente quando se vir o Seu Rosto e se ouvir a Sua Voz, o mundo conhecerá a "boa nova" da nossa redenção. Essa é a finalidade da evangelização e é isso que fará da Internet um espaço humano autêntico, porque, se não houver espaço para Cristo, não haverá espaço para o homem»**

**(João Paulo II)**



## ***DE PESSOA PARA PESSOA***

# **Clara e os Ciganos**

***Anna Rita Cristaino***



**Nós todos temos uma vida interior. Todos sentimos que fazemos parte do mundo e ao mesmo tempo que estamos exilados dele. Queimamos todos no fogo das nossas vidas. Precisamos de palavras para expressar aquilo que temos dentro.**

**Paul Auster**

Clara esta noite não é mais a mesma. Está pensando no que acaba de acontecer. Foi testemunha de um encontro de humanidade. Nestas semanas, ela com outros companheiros do grupo de jovens do oratório, refletiram muito sobre o seu futuro e sobre o seu compromisso com os outros. Com eles estão Mena e Francesca, da comunidade de Santo Egídio. Elas relatam de modo simples e natural aquilo que vivem no dia-a-dia e depois convidam Clara e os outros a acompanhá-las num "giro".

Alguns vão espontaneamente para a estação do Metrô, outros aproximam-se de alguns bêbados que vivem na rua, perto de um posto de gasolina. Clara dirige-se a um campo Rom (acampamento de ciganos). Ele está localizado num grande bairro da sua cidade. Recebe um saco de sanduíches, alguém tem a fruta, outros têm alguma bebida quente para oferecer.

Estão situados numa rua movimentada, há muitos carros e prédios iluminados. Na calçada de repente aparece uma pequena porta metálica. É a entrada ao campo. A portinhola abre-se para um pátio onde estão as crianças que esperavam a visita. Estão alegres, entretidas, brincam com os amigos que, semanalmente, lhes trazem o jantar.

"Crianças são crianças" diz Rita, uma veterana da comunidade de S. Egídio, que freqüenta esse campo há mais de 10 anos.

"Crianças são crianças", porquanto todas têm a mesma vontade de correr e brincar. São argutas, têm olhar inteligente. Os mais pequeninos sabem como atrair a atenção sobre si. Acenam e sorriem, correm, brincam. Clara olha com admiração como também os da comunidade de S. Egídio, que estão ali firmes e tranqüilos. Não há nenhuma pressa para dar os sanduíches e as frutas. Estão ali. Primeiro perguntam como passaram a semana. São informados sobre a escola, sobre a família. Pouco a pouco as mães se aproximam e, depois delas, algum avô ou avó. Então, retomam-se os relatos de vida. Começa-se a conversa interrompida na semana anterior. Uma comunicação feita de troca e reciprocidade.

Agora estou numa das tendas. Na sala grande, compartilhada por todas as famílias, há diversos fogareiros e utensílios de cozinha. E também as mesas para comerem juntos. Depois, há muitas portinholas, que dão acesso a pequenos quartos. Esta é sua casa toda. Chegam a ser 10, naqueles quatinhos. Mas Clara nota um senso de dignidade. De querer proteger o lado privado da sua vida. Há neles uma busca de normalidade. Quantas vezes Clara ouviu falar dos Rom. Mas agora pensa que em geral sempre ouviu falar deles em geral. Quando o telejornal fala de alguma desocupação dos campos Rom, de algum incidente causado por eles ou de alguma pessoa que se lamenta pela sua "vizinhança", costuma-se falar deles como de uma categoria: Os Rom, os ciganos, etc. Ninguém os chama por nome. Como se não fossem pessoas, mas só "alguma coisa" a ser afastada. Mas, esta noite ela conheceu por nome Florian, Malvina, Adrian, e tantos outros.

Rhiana tem 16 anos. É casada com Maiek. Dentro de poucos dias Maiek completará 19 anos e Rhiana quer fazer-lhe uma festa-surpresa. Então, pede um bolo aos amigos de S. Egídio. Não quer

outra coisa, só um bolo. Quer proporcionar um momento de alegria ao seu marido. Uma alegria pequena mas cheia de amor.

Sienae não estava naquela noite. Precisou voltar à Romênia porque morreu uma tia sua. Ela é uma das poucas que encontrou trabalho numa família. Faz as limpezas. No bairro não confiam neles: Sabe-se que os ciganos roubam!”– dizem. Mas ela soube conquistar a confiança dessas pessoas. No entanto, com o salário que tem, ainda não é possível deixar o campo. A família é grande e as despesas são muitas, numa cidade grande. Alguns no campo são um pouco desconfiados. Clara percebe e pergunta o motivo. Explicam-lhe que são os que chegaram recentemente. Precisam de tempo e os de S. Egídio não têm nenhuma pressa. Esperarão todo o tempo necessário, não forçarão ninguém e, ou mais cedo ou mais tarde, os novatos também vão confiar neles.

Clara observa, olha, procura compreender e sobretudo compreender-se. Mas as crianças lhe roubam toda a atenção. Começa a brincar com elas. Inclina-se e as olha nos olhos. Começa a sorrir. Não querem mais os seus sanduíches, querem a ela. A menorzinha a apresenta aos que chegaram por último: “ela é Clara, uma amiga minha”. Clara enrubesce e continua a se deixar cativar totalmente por essas crianças.

Mas é hora de partir. As crianças acompanham todos até a saída. Ficam ainda por alguns minutos na calçada. Trocam augúrios e se despedem.

Depois, cada um volta para a sua casa.

Clara está no seu quarto. Um lugar quente, seguro. Jamais havia pensado que a pouca distância dela existissem pessoas que viviam em barracos. Ela sabia, os telejornais falam disso, mas nunca quis pensar que estivessem assim tão perto. E conhecer as suas histórias, os havia tornado ainda mais próximos. E ela agora, sentindo a chuva cair com tanta força, pensava neles que, seguramente, não estavam bem protegidos nem do frio, nem da umidade. Não é mais a mesma. Se continuasse a mentir a si mesma tudo continuaria igual mas ela não quer mais mentir. Não consegue esquecer os olhos daquelas crianças, abertos e desejosos de entrar em comunicação com ela. Não sabe bem o que fazer. Mas decidiu voltar.

*arcristaino@cgfma.org*

---

**VÍDEO** por *Mariolina Parenteler*

**MIRAL** de Julian Schnabel – Grã Bretanha, França, Israel, 2010

**Por que ver este filme e por que propô-lo? São muitas as motivações colocadas pela crítica e pelo público: para mergulhar em uma história intensa que fala do amor, da instrução, do povo e da esperança. Porque conta a história de quatro mulheres árabe-israelenses no cenário da complexa realidade política de Israel, desde o seu nascimento em 1948, até os Acordos de paz de Oslo, em 1994. Para seguir o difícil percurso de formação da protagonista do romance “A estrada das flores de Miral”, escrito por Rula Jebreal que consegue sair de uma dimensão existencial que a aprisionava para dedicar-se com empenho à paz. Apresentado entre os filmes em competição na Mostra do Cinema de Veneza 2010, foi premiado pela UNICEF que, na sua avaliação global, confirma explicitamente: «As crianças não têm partidos. Têm em primeiro lugar direitos, que são ainda maiores em uma situação de conflito (...)**

**O filme relata a empresa extraordinária de Hind Husseiní, a grande mulher palestina que, opondo-se à difícil realidade política da sua região, consegue contrastar aquilo que, para uma geração inteira, parece um destino condenado. Sua dedicação à educação e ao ensino completa-se (...) dando possibilidade de resgate a milhares de meninas, acolhidas como filhas. É por esta razão, mas sobretudo pela grande honra de haver reafirmado a importância do direito à instrução como caminho único para a**

**convivência pacífica entre os povos, que estamos felizes por prestar este reconhecimento a “Miral”, o nobre filme de Julian Schnabel»**

**No início do roteiro lemos: «Miral é uma flor vermelha que cresce à beira da estrada. Provavelmente milhões a viram», mas subtende-se: vocês a encontraram mas a compreenderam de fato? A bela película leva-nos a fazer isso, com sensibilidade e emoção, também através da esplêndida interpretação das protagonistas.**

## **O fascínio do feminino em Jerusalém**

Tudo nasce de “A estrada das flores de Miral” de Rula Jebreal. Miral e Rula são a mesma pessoa: aquela jornalista que Miral está prestes a tornar-se no final do filme, e que hoje é muito ativa e conhecida sobretudo na Itália. «Cada uma das histórias contadas no meu livro e neste filme é verídica, afirma a autora. Mudei os nomes, liguei os eventos, misturei personalidades e personagens, mas é tudo verdadeiro. No Oriente Médio não existe espaço para a imaginação. É possível narrar somente aquilo que se vê com os próprios olhos. A cada dia, este lugar te obriga a decidir quem deves ser e o que deves fazer».

Miral é apenas uma entre milhões de meninas, mas herda todas as pressões, as ansiedades e as esperanças que o povo Palestino acumulou no curso de quatro décadas. Através do retrato íntimo e semi-autobiográfico de quatro mulheres presas nessa situação dramática e complexa, o filme consegue revelar a realidade da vida cotidiana dos refugiados palestinos. Começa em 1948, em Jerusalém: Hind Husseini (Hiam Abbass) encontra 55 órfãos pela estrada e não pode abandoná-los. Leva-os consigo, cuida deles e os alimenta até se tornarem quase 2000. Sua casa transforma-se no Instituto Al-Tifl Al-Arabi: uma escola para dar instrução aos órfãos e restituir a esperança às vítimas do conflito. Depois, com um passo à frente, a história se movimenta nos anos 60. A história de Hind é posta em confronto com a de outras duas mulheres que carregam nos ombros um percurso de vida completamente diferente e se encontram em uma prisão israelense. São elas: Fátima, uma enfermeira, cuja raiva por aquilo que presenciara a empurra para a rebelião e a violência, e Nadia – uma personagem inspirada na vida da verdadeira mãe de Jebreal – uma adolescente que fugiu dos abusos, que começa a experimentar uma grande admiração por Fátima e se casará com o irmão dela. Caberá à sua filha Miral, fechar o círculo de toda a história. Aos 7 anos aterrissa na escola de Hind onde lhe é oferecida a oportunidade de viver uma vida nova, mas aos 17 anos, enquanto a Intifada se enfurece, vai lecionar em um campo de refugiados onde tudo muda. Encontra o amor por um ativista político e, antes, a consciência da guerra que se enfurece e que nenhum acordo internacional parece poder deter... «Senti que era responsabilidade minha fazer este filme seja como diretora que como ser humano», declara Schabel. Eu pensava na película como *La Battaglia di Algeri e El Salvador* - no modo com o qual refleti sobre os temas nele descritas – e queria que acontecesse o mesmo com esta história. O mérito de haver atingido em boa parte o objetivo diz respeito também à eficaz contribuição da atriz Hiam Abbass, que deu pleno suporte com a forte interpretação do papel de Hind.

## **PARA REFLETIR**

### ***Sobre o tema do filme***

**Falar hoje de Jerusalém, utilizando “no palco da vida”, Rula, a roteirista, protagonista e testemunha da história.**

O diretor confessou ser um americano hebreu nascido em Nova York, que antes de fazer este filme, sabia bem pouco da Palestina. Foi o amor que o impulsionou para a aventura de Miral, película complicada e controversa, sem ter medo de errar ou de tomar partido. Centrado quase inteiramente sobre o romance autobiográfico da sua nova companheira de vida, afirma: «Jamais poderia ter feito o filme sem ela».

Teria sido impossível rodá-lo em Jerusalém, em Ramallah, Haifa e em muitos outros lugares. Rula havia vivido ali sua infância e sua adolescência, muitas portas foram abertas. Normalmente

os roteiristas não o fazem, *mas eu quero saber dela o que exatamente haviam visto em um campo de refugiados os olhos de uma menina de 15 anos.*

O cenógrafo agiu sempre sob o seu conselho, pudemos descrever aquela realidade somente graças a ela; ela decidia o que colocar e o que tirar (...)

### ***Sobre o objetivo do filme***

**Acompanhar o público na auto-compreensão de que a instrução pode multiplicar a vitória de Miral pelas outras incalculáveis 'Miral', que ainda vivem nas 'Jerusalém' do mundo.**

Uma das esperanças maiores dos dois autores é que o filme consiga revelar aquela mesma paixão que permitiu a uma mulher como 'mamãe Hind' ajudar tantas crianças a ir avante com suas vidas e a transcender a violência e a opressão do seu mundo. Rula declara explicitamente, na entrevista de apresentação do filme. "Como acontece a Miral, diz, hoje posso repetir que o amor e os valores que recebi de Hind Hussein – que acreditava firmemente na virtude da instrução – me salvaram. Mais adiante na minha vida, como jornalista, tive a oportunidade de ser testemunha dos conflitos no Iraque, Afeganistão e Paquistão. Eles me confirmaram na consciência de que a instrução é sem dúvida a melhor arma para superá-los. É isso que o filme e a vida de Miral contam.

Hoje em dia, com muita frequência, parece que a única solução possível seja a militar, enquanto que, a única e verdadeira esperança para as pessoas normais, que procuram viver vidas reais, é a diplomacia e a paz.

## ***ESTANTE VÍDEOS por Mariolina Parenteler***

Mario Martone

### ***NÓS ACREDITÁVAMOS***

Itália, 2010

Viagem longa e emocionante ao "Risorgimento" italiano, este filme de Martone saiu em concomitância com a celebração dos 150 anos da unidade da Itália. Rico, complexo, cheio de histórias e figuras «Nós acreditávamos» é um filme que repassa 30 anos da história italiana, desde os movimentos rebeldes de 1828 até o alvorecer da unidade e além, através das histórias de três jovens filiados à Jovem Itália de Mazzini. Em torno de suas histórias foi construída uma narrativa «composta de fatos, comportamentos e palavras tiradas rigorosamente da documentação historiográfica, esclarece o diretor. Um dos três personagens é inspirado no protagonista do romance de Anna Banti 'Nós acreditávamos' que só em parte conflui no filme. Mas o título pareceu-me belíssimo: já contém a mensagem (...) diz-nos que é a narrativa de uma derrota. E não há dúvida de que *Nós acreditávamos* seja um filme trágico, mas quando digo trágico, entendo também 'catártico'. Eu diria que impulsiona à ação. A questão não é que tudo terminou, o problema é que tudo deve começar». A afirmação se projeta num horizonte de grande ideal, reitera a necessidade de conseguir uma memória partilhada sobre as raízes da nação italiana. Personagens de grande relevo e sequências de charme inegável o tornam um afresco vigoroso, abrangente, capaz de capturar por três horas e vinte (como na edição integral) o público mais variado. Um produto «de notável empenho e coragem» portanto – sintetiza a Comissão de Avaliação do filme – é assim definido: «Aconselhável, problemático, adequado para debates, sobretudo na reflexão sobre o tema central do "Risorgimento" Italiano». Merece verdadeiramente uma grande e responsável valorização.

Nigel Cole

**WE WANT SEX** - Grã Bretanha, 2010

Para evitar qualquer equívoco: o título nasce com o banner de protesto com a escrita "We Want Sex Equality" – "Nós queremos a igualdade de sexo" (ou seja os mesmos direitos e o mesmo salário dos seus colegas masculinos) que o grupo das 187 operárias na fábrica da Ford em Dagenham (Inglaterra) levam em passeata – incidentalmente lançado apenas em parte – em 1968. A Ford é o coração industrial de Essex e dá trabalho para 55 mil operários. Mas enquanto os homens trabalham em um novo departamento de carros, elas estão envolvidas no conserto dos assentos nos automóveis de 1920, que agora estão caindo aos pedaços. Trabalhando em condições insustentáveis, quando são reclassificadas profissionalmente como "operárias não qualificadas" encontram coragem para reagir. Com ironia, bom senso e coragem conseguirão fazer-se ouvir pelos sindicatos, pela comunidade local e pelo próprio Governo. Uma delas Rita O'Grady, líder do protesto sem experiências sindical mas forte na solidariedade com todas – será uma adversária não fácil para os opositores e encontrará na deputada Bárbara Castle uma hábil aliada para enfrentar o Parlamento. Juntamente com as colegas Sandra, Eileen, Brenda, Mônica e Connie, decide a histórica greve que agita Londres e se estende ao restante do país, colocando as bases para a lei sobre a paridade salarial. A obra documenta portanto a luta sindical e uma conquista dos direitos por parte das mulheres, mas com um ar de comédia "comprometida". Não obstante a densidade da mensagem a película diverte, entretém e envolve de modo brilhante. Nigel Cole é um diretor que prefere as figuras femininas, e aqui, concentrando-se num fato verdadeiro – nos créditos finais, veremos as operárias de então – consegue esboçar sem retórica uma batalha que não é heróica mas "humana".

---

**ESTANTE LIVROS** por Adriana Nepi

CLÁSSICO - Jostein Gaarder - **O MUNDO DE SOFIA** - Longanesi &C

O autor norueguês, já conhecido e apreciado na sua pátria, publicou em 1991 este livro, que logo teve uma ressonância mundial. O subtítulo é, talvez, pouco cativante: *Romance sobre a história da filosofia*. O fato singular é... que se trata de um romance de mistério. Sem mortos nem comissários de polícia, bem intencionado, mas convincente e rico de golpes de cena. Quais os possíveis destinatários deste singularíssimo livro? Os jovens. Os jovens podem encontrar nele um resumo dos mais divertidos Bignami, mas também as pessoas menos jovens, se forem ignorantes da filosofia por tê-la estudado mal ou pouco, podem encontrar nele uma leitura agradável. As noções são elementares mas exatas, o estilo é simples, fluente, vivaz. De repente entra em cena uma menina, Sofia precisamente, envolvida numa trama inverossímil de casos misteriosos (e aqui começa o romance de mistério) e, não em paralelo mas através de conexões inextricáveis, são de repente colocadas as grandes perguntas: quem somos, de onde nós viemos, para onde vamos? (e aqui começa a filosofia). Uma viagem de séculos e séculos através daquela grande aventura do pensamento que é a busca do conhecimento. Seguindo a sequência da evolução, os desvios, os retornos, percebe-se que, mais do que qualquer outra matéria escolar, a filosofia não pode ser ensinada a não ser através de um diálogo construtivo (nisso tinha razão Sócrates!), recorrendo a exemplos, comparações, metáforas. E então, por que não propor também aos professores este originalíssimo livro, ao menos como feliz exemplo de didática? Importante: não procurar a chave do mistério antes de ter chegado ao final: se não, perde o efeito...

---

Cecília Poli é uma jovem feliz e realizada, casada há dois anos, mãe há três meses; ama a música, cultiva a dança, escreve poesias. LAL (leucemia linfática aguda) é a terrível sigla da doença que a matará aos 34 anos. Dia por dia, ela anota as fases mutáveis do mal. Luta obstinadamente, defronta-se com o abismo do desespero, mas não se rende.

Entra-se com emoção dentro desta experiência de fragilidade e de coragem, de amor apaixonado pela vida, nas vibrações ardentes da mulher enamorada, no espaço da mãe afastada do seu pimpolho. Um livro triste, então? Não, fala-se também de quimioterapia, plaquetas, transfusões. O tom é às vezes até divertido. Cecília reza, reza desesperadamente: quer viver, não pode deixar o seu bebê, o marido que a cerca de ternura... Mas eis que aos poucos nela se realiza um verdadeiro milagre. Cessam as ansiedades, cessam os medos. A alma repousa num total abandono. Em 7 de agosto de 2006 é iminente uma reunião de médicos e familiares para uma difícil escolha acerca da terapia de manutenção, dadas as incógnitas do pós-transplante. Ela não sabe o que vão decidir, mas parece que já está vivendo do outro lado. Pensando no mar que a espera nas férias com os seus, escreve: "Uma onda me acaricia e leva embora todo medo. Chega outra e me trás o respiro do universo... É um respiro sagrado, é o respiro mesmo de Deus, eterno, sábio, que tudo dispõe segundo uma imperscrutável e magnífica harmonia". O diário se fecha com estas palavras. Cecília ainda viverá quase um ano, mas nada resta ainda para dizer...

---

## O LIVRO

# Sorvete à meia-noite



**por Adriana Nepi**

O título bizarro, ligado a uma espécie de *leit motiv* escolhido para dar unidade à narrativa, parece feito para atrair os jovens, tão levados a tudo quanto é estranho e fora de série.

A mulher que escreveu este livro, certamente os ama: suas contradições, suas extravagâncias não a espantam, nem mesmo... seus palavrões. E consegue dar-nos um romance inteligente, deslizando com uma espécie de identificação empática no mundo dos adolescentes: a idade das primeiras paixões, as amargas mas passageiras decepções, o gosto pela transgressão junto com uma ansiosa necessidade de segurança; e também a idade da intransigência que não perdoa, especialmente quando são os adultos, em particular os pais, a trair a confiança dos filhos.

A mensagem moral nunca é proposta como tal, mas brota espontânea através do desenrolar-se das situações. A linguagem tem o imediatismo desinibido próprio dos jovens e não evita usar seu inocente palavrão: que, infelizmente, é quase o modelo lingüístico que esta nossa sociedade barbarizada oferece, já confeccionado.

Daniela, Tati, Mara, Fábio, Andrea, Mônica, Sérgio: pequeno mundo vibrante de vida, pequenas aventuras, onde já se entrevê o perfilar-se de um caráter e de um destino.

Bárbara, a mãe de Tati e Mara, é, por assim dizer, o centro de equilíbrio da narrativa. Porque, através de amplos parênteses, sua distante vida de adolescente se insere (o leitor colhe isso sem dificuldade no curso de algumas páginas) ao lado dos eventos cotidianos, tão semelhantes mesmo se distantes no tempo, dos adolescentes de outra geração.

Como já se observou, faltam nos relatos juízos morais explícitos, mas o bem se impõe como saúde do corpo e da alma. Como acontece, por exemplo, de modo particularmente expressivo, no que podemos chamar de "revelação" do perdão: não mais sentido como um dever árduo e não natural, mas como libertação e limpeza interior, reencontro do equilíbrio e da alegria de viver. Bárbara, quando era jovem estudante do Ensino Médio, certo dia deixou-se envolver por um gesto gravemente reprovável feito por Mônica, sua amiga do coração: ela havia tido uma avaliação muito medíocre no exame e jogara a culpa sobre a competente e mansa professora de matemática; num ímpeto de raiva irracional, agredira a professora com violência, provocando-lhe uma queda com sérias consequências. Bárbara tinha sido arrastada contra a sua vontade para o ato insano mas sem reagir como deveria. À distância de tantos anos, já adulta e mãe de família, não perdoa a si mesma e muito menos perdoa a amiga de outrora. Circunstâncias casuais a fazem encontrar a professora anciã; esta, em vez, sim, havia perdoado e explica com simplicidade à sua ex-aluna, embaraçada e comovida: "Olhe, fazer a paz consigo mesmo, mas também com os outros naturalmente, tem um poder... como dizer?... faz você se sentir limpa, torna-a leve... Perdoar é como tirar um sapato muito apertado, você já experimentou isso? O pé no início fica machucado, dolorido, porém se você tem paciência, se o massageia com delicadeza, torna a se alongar e o sangue volta a circular...".

Na realidade uma desilusão bem mais profunda havia ferido, muitos anos antes, a adolescente Bárbara. Uma momentânea fraqueza do pai, por ela julgada imperdoável, havia esfriado e depois fechado todo o relacionamento com ele, antes ternamente amado, mais próximo dela e da mãe pintora, sempre absorta e absorvida pela própria arte. Quando era menina, pai e filha se encontravam na cozinha, em uma espécie de afetuosa cumplicidade, enquanto a mãe, que gostava de trabalhar logo pela manhã, já havia se retirado para dormir. O pai trazia um sorvete que tomavam juntos conversando até tarde. Talvez só agora Bárbara compreende que o pai encontrava na sua filha o único conforto para a sua dolorosa solidão.

Alguma coisa se soltou nela depois do contato com a bondade e a sabedoria da senhora anciã. Ela não a exortou nem a advertiu. Fez mais: contagiou-a.

E a história termina com a suavíssima cena da volta de Bárbara à velha casa de sua infância. Levou um sorvete, para sentir a não interrupção daquela querida familiaridade de um tempo. "Tomou pela mão o seu pai e o levou calmamente até a cozinha... 'Apreste-se ou ele vai derreter' sussurrou com voz embargada. Ele aproximou de seus lábios o dorso da mão de sua filha e o beijou. "Obrigado, querida...". Assim termina o romance. Ele não é declaradamente endereçado aos jovens, mas talvez exatamente isso pode torná-lo benéfico e aceito por eles.

*Indicamos, da mesma autora: "Solo una parentesi" e "Rumore di mamma", de caráter autobiográfico, publicados pela Mondadori durante a última década. Laura Tangorra, jovem escritora, diplomada em ciências biológicas e professora, um casamento feliz e mãe de três filhos, viveu a experiência dramática de uma doença incapacitante (esclerose lateral e amiotrófica) que se abateu sobre uma pequena e feliz família, sem tirar-lhe a esperança e a alegria de viver. Fica-se admirado, quase aturdido diante da alegria e do bom humor dessa mulher, que também conhece a agonia de não poder apertar nos seus braços inertes, sua Alice: é a última que nasceu, uma menina maravilhosa que ela quis ter, quando, já atingida pelo mal, os médicos a aconselharam a não ir adiante com a gravidez.*

## **CARTAS DE UMA AMIGA**

### **Eu vos chamei amigos**

Há uma insistência nesses anos, nos nossos capítulos gerais, nas assembleias, nas avaliações, no nosso pensamento, em suma, sobre o tema da relação, do acompanhamento.

É como se lhe reconheçêssemos a prioridade, a urgência, a necessidade.

Nós a chamamos relação, acompanhamento, direção espiritual, confiança.

Poderíamos também chamá-la com outro nome: AMIZADE. É estranho dizer, mas este termo consagrado pela Bíblia, "eu vos chamei amigos", como talvez o mais elevado para descrever a relação homem-Deus e as relações humanas, suscita muitas vezes, nas nossas comunidades religiosas, uma reação. Algumas de nós até fazem disso quase um motivo de mérito: "Ah, eu não sou amiga de ninguém"! E falar de duas ou mais irmãs que são amigas não significa dizer algo de positivo. E não é raro que se verifique aquilo que me escreveu esta FMA: *"...os leigos, os pais, os jovens me querem bem, com eles consigo instaurar profundas relações humanas. Por que em comunidade não é assim? Por que devo com frequência constatar que as relações que vivo com as minhas irmãs não são amigáveis, espontâneas, mas sim frias, desligadas ou funcionais pelo meu papel?"*

Seria importante refletir sobre o fato de que **se a vida consagrada não produz uma polifonia de afetos, um cêntuplo de amizades, é um sinal extinto**. O outro nome da virgindade é "muito coração". A característica de uma alma grande e pura é amar com paixão, sem aquela avareza de sentimentos, sem aquela parcimônia de emoções com as quais habitualmente no mundo religioso manipulam-se as relações. Dizia Bonhoeffer: "a santidade não consiste na moderação dos sentimentos. De fato, onde está na Bíblia esta moderação?"

E Teresa d'Ávila, que em uma das suas mais célebres afirmações sustentava que "só Deus basta", também rezava: "Meu Deus, concedei-me a graça de ser amada por muitos", porque "meio excelente para gozar da presença de Deus é exatamente a amizade com os seus amigos..."

A visão da amizade em Santa Teresa é uma visão luminosa, não ditada pelo medo, mas por uma forte positividade. "Sei por experiência que se tira sempre uma grande vantagem disso. Se eu não estou no inferno, depois de Deus, devo-o aos amigos".

**Eis, o amigo é para o amigo "uma salvação que caminha ao seu lado".**

"Nada supera o afeto. Vale mais uma gota de afeto do que um mar de espiritualidade".

Somos comunidades sequiosas de relações amigáveis e o verdadeiro débito que temos diante de quem vive junto conosco é um débito de amor e de amizade.

***Sua amiga***



**NO PRÓXIMO NÚMERO**

**DOSSIÊ:** *Testemunhas de gratuidade*

**PRIMEIRO PLANO:** *Raízes do futuro* de Mornese ao mundo

**EM BUSCA:** *Mulheres no contexto* o agradecimento às mulheres

**COMUNICAR:** *Testemunhas digitais* Perfil do continente digital



***TOMAI NAS MÃOS A VOSSA VIDA E FAZEI DELA  
UMA OBRA-PRIMA***

***JOÃO PAULO II***

# NA TUA PALAVRA



***A TUA VIDA RESSURGIRÁ  
MAIS FÚLGIDA  
QUE A BRILHANTE LUZ DO MEIO-DIA,  
A ESCURIDÃO  
SERÁ COMO A LUZ  
DA MANHÃ.***

**(Jó 11, 17)**